**Solenidade da**

**Assunção da Virgem Santa Maria 2022**

Uma imagem com árvore, exterior, estátua, pedra

Descrição gerada automaticamente

**«Maria saudou isabel»!**

**LC 1,40**

**I. Ritos Iniciais**

**Procissão e cântico de entrada | Saudação Inicial | Monição inicial**

P. Ontem celebrávamos o Domingo, memorial da Páscoa do Senhor. Hoje celebramos a Assunção de Nossa Senhora, para fazer memória da Páscoa de Maria. Maria, sempre unida ao seu Filho, na vida e até à morte, uma vez concluído o percurso da sua vida terrena, é associada à glória da ressurreição do seu Filho. Ontem meditávamos na hostilidade que Jesus enfrentou e nas muitas formas de hostilidade do nosso tempo. Hoje, o desafio insistente de converter a hostilidade em hospitalidade, encontra no abraço de Maria e Isabel umas das mais belas expressões. Acolhamos, desde já, a presença do Senhor, que nos recebe em sua casa, para que O recebamos em nossos corações.

[Celebremos juntos a alegria destes esposos Mário e Maria João que, desde o seu matrimónio há 25 anos, se receberam um ao outro, tornando-se cada um deles um lugar para o outro e ambos um lugar feliz para a filha Beatriz. Celebremos também a última Páscoa do nosso irmão Nuno Alexandre Duarte Costa, que há poucos dias Deus chamou à sua presença e que a Páscoa de Maria, seja sinal de esperança e de confiança do nosso futuro em Deus].

**Ato Penitencial**

P. Preparemo-nos para esta celebração, pedindo perdão dos pecados, na certeza de que Deus nos olha com misericórdia, como olhou para a sua serva Maria.

P. Senhor, que enchestes da Vossa presença o seio e a vida da Virgem Maria, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, que fizestes exultar de alegria a João Batista, ainda no seio de sua mãe, Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, que nos dais Maria como nossa Mãe, a interceder por nós junto do Pai, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino da Glória:**

P.Não é Deus que está no Céu. O Céu é que está em Deus. Por isso, de olhos postos no Céu, onde Maria se encontra já glorificada e donde nos espera, cantemos e glorifiquemos a Deus. Glória a Deus nas alturas

**Oração Coleta**

**II. Liturgia da Palavra**

1.ª leitura: Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab

Salmo Responsorial: Salmo 44 (45), 10.11.12.16 (R. cf. 10b)

2.ª leitura: 1 Cor 15, 20-27

Evangelho: Lc 1, 39-56

Homilia

Credo

Rito da bênção dos esposos

**Homilia na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria 2022**

**1.** A cena bíblica da Visitação inspira a Jornada Mundial da Juventude, que se realizará, em Lisboa, de 1 a 6 de agosto de 2023. Previamente, de 24 a 31 de julho, nos chamados *Dias da Diocese*, seremos desafiados a acolher, num grande abraço de *hospitalidade*, em nossas casas, e comunidades eclesiais, milhares de jovens, vindos de todas as partes do mundo. Nós que vivemos este ano pastoral, imitando Maria, *que Se levantou e Se pôs apressadamente* a caminho,para sair ao encontro da prima Isabel, vivamos o novo ano pastoral de 2022-2023, inspirados pela saudação de Maria a Isabel, valorizando a hospitalidade, o acolhimento e a escuta ativa. Mantendo o propósito de avançar “*Juntos por um caminho novo*”, o desafio mariano específico para o novo ano pastoral é mesmo este: *Abraça o presente!*

**2.** O abraço entre Maria e Isabel é, na verdade, o abraço de duas mulheres que partilham a alegria pelo maravilhoso e surpreendente presente de uma vida nova, que uma e outra acolhem em gestação no seu seio materno. É o abraço de quem se acolhe mutuamente no amor, de quem partilha o Evangelho da Vida em carne viva, de quem faz do seu coração um lugar feliz para o outro. É o abraço de quem abraça a graça, os desafios, as dificuldades e as oportunidades da hora presente. ‘*Abraçar*’ tem, para nós, não apenas esta dimensão afetuosa da reciprocidade e da ternura do amor, mas inclui o desafio de acolher, de escutar com atenção, de discernir tudo à luz da Palavra do Senhor, de responder e de corresponder aos desafios do tempo presente. Neste sentido, o lema programático diocesano “*abraça o presente*” significa sobretudo isto: “*vive no presente; não vivas no passado nem no futuro. Vive a graça desta hora. Não te deixes paralisar pelas amarguras e nostalgias do passado, nem asfixiar pelas incertezas do amanhã, obcecado pelos temores do futuro. Não há outro tempo melhor para ti do que o presente: agora e aqui, onde estás, é o único e irrepetível momento para fazeres o bem, para fazeres da vida um presente! A plenitude da vida que esperas no Céu é um presente do teu presente. Abraça-o*”.

**3.** Irmãos e irmãs: este *presente* que nos propomos acolher, de braços abertos, ao jeito de Maria e de Isabel, tem muitos rostos e significados: é certamente, e em primeiro lugar, o presente de Cristo vivo na nossa vida; é ainda e sempre o *presente* deste processo sinodal, que não pode ficar na gaveta. Mas este *presente* é também a graça extraordinária da JMJ 2023, porque nos desafiará a reconhecer nos jovens *o agora* ou o *presente de Deus*. É, por isso, o *presente* da novidade que Deus nos oferece no rosto de cada jovem, de todos os jovens, vindos de todas as partes do mundo, para a JMJ: eles irão entrar nas nossas casas, nas nossas realidades familiares e eclesiais, para animar e renovar as nossas vidas. São um *presente* que queremos abraçar, acolher e envolver, abrindo portas e janelas ao sopro da novidade do Espírito. Vamos saudá-los e acolhê-los como *um presente*?

**4.** Sigamos o exemplo de Maria, que é acolhida e acolhedora, é a hóspede que Isabel transforma em verdadeira anfitriã da sua casa. Como Maria e Isabel, cada pessoa é chamada a tornar-se *pessoa-soleira*, capaz de acolher quem entra ou se cruza na sua vida, recolocando-a no centro da sua vida e da sua atenção. Como Maria e Isabel, a comunidade cristã deve tornar-se um Corpo que acolhe, para se tornar um lugar que gera vida. A esta luz, cuidemos por formar pessoas e comunidades hospitaleiras, pautadas por um estilo pastoral amável e dialogal, feito de presença, de escuta e de proximidade, capazes de promover a cultura do encontro, de propor e de acompanhar, num ambiente familiar, que gera e regenera vidas novas em Cristo.

**5.** Estamos a menos de um ano da JMJ 2023. Que este *presente* abraçado por todos faça crescer a nossa Paróquia, à imagem de Maria, como uma Mãe de coração aberto, uma comunidade mais jovem e rejuvenescida, mais feliz, mais recetiva à novidade, mais criativa e proativa, mais atenta à realidade. Uma comunidade, ao jeito da Mãe do Senhor: com os pés ligeiros sobre a terra e com vistas largas para o Céu.

Missa às 11h00: Bênção dos esposos Mário e Maria José | cf. Rito próprio

**Credo** (a partir da Encíclica *Lumen fidei, n.º* 59)

P. “*Pelo seu vínculo com Jesus, Maria está intimamente associada com aquilo em que acreditamos*”. Professemos a nossa fé, dizendo:

R. Sim, creio!

P. Credes em Deus Pai que, desde toda a eternidade, escolheu a Virgem Maria para ser a digna morada do seu Filho?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, o Filho do Eterno Pai, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, nascido da Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que fecundou o seio da Virgem Maria, para a fazer conceber e dar à luz o Filho único de Deus?

R. Sim, creio!

P. Credes na Igreja, Esposa de Cristo, peregrina sobre a Terra, que encontra, em Maria, a mais perfeita realização da fé?

R. Sim, creio!

P. Credes na ressurreição, realizada em Cristo, prometida a toda a humanidade, já plenamente alcançada por Maria, na sua Assunção gloriosa?

R. Sim, creio!

**Oração dos fiéis**

P. Maria, elevada ao Céu, vive gloriosamente unida a Seu Filho na sua vitória pascal. Junto d’Ele, como outrora em Caná, Ela intercede pelo Povo de Deus peregrino. Pela Sua intercessão, digamos confiadamente:

R. **Santa Maria, elevada aos Céus, acolhei as nossas preces.**

1. Pela Santa Igreja em processo sinodal:

para que Se manifeste ao mundo

como Mãe de coração aberto,

com os pés assentes na terra

e os olhos voltados para o Céu.

Invoquemos.

1. Pelos que governam:

para que promovam políticas de acolhimento,

de inclusão, de integração e de promoção,

sobretudo dos jovens à procura de um futuro

no agora e no presente das suas vidas.

Invoquemos.

1. Pelos que são perseguidos por causa da sua fé:

para que se mantenham firmes no seu testemunho,

confiantes na vitória final do amor de Cristo,

do Seu Reino de Paz e da Sua salvação.

Invoquemos.

1. Por todos nós:

para que façamos da preparação e da celebração

da Jornada Mundial da Juventude

uma oportunidade para acolhermos a todos

e rejuvenescermos a vida da nossa Diocese

em todas as suas comunidades eclesiais.

Invoquemos.

Nota: em vez desta conclusão pode fazer-se usar-se o texto, no todo ou em parte, da Oração oficial da JMJ 2023.

P. Pela intercessão da Virgem Maria, Nossa Senhora da Assunção [Padroeira da nossa Diocese do Porto] escutai, Senhor, as preces do Vosso Povo peregrino, para que, cheios do Espírito Santo, anunciemos e levemos Cristo a todos e assim o nosso mundo se reencontre na fraternidade, na justiça e na paz. Por Cristo, Nosso Senhor.

R. Ámen.

# Oração oficial da Jornada Mundial da Juventude 2023

[a concluir a Oração dos Fiéis ou em vez dela | ou a fazer a seguir à comunhão]

Nossa Senhora da Visitação,

que partistes apressadamente para a montanha ao encontro de Isabel,

fazei-nos partir também ao encontro de tantos que nos esperam

para lhes levarmos o Evangelho vivo:

Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Senhor!

Iremos apressadamente, sem distração nem demora,

antes com prontidão e alegria.

Iremos serenamente, pois quem leva Cristo leva a paz,

e o bem-fazer é o melhor bem-estar.

Nossa Senhora da Visitação,

com a vossa inspiração, esta Jornada Mundial da Juventude

será a celebração mútua do Cristo que levamos, como Vós outrora.

Fazei que ela seja ocasião de testemunho e partilha,

convivência e ação de graças,

procurando cada um o outro que sempre espera.

Convosco continuaremos este caminho de encontro,

para que o nosso mundo se reencontre também,

na fraternidade, na justiça e na paz.

Ajudai-nos, Nossa Senhora da Visitação,

a levar Cristo a todos,

obedecendo ao Pai,

no amor do Espírito!

**III. Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio da Assunção | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão | Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração a seguir à comunhão**

Nota: pode fazer-se a Oração oficial da JMJ 2023, no todo ou em parte, se não foi feita na conclusão da Oração dos Fiéis).

**IV. Ritos Finais**

**Bênção | Despedida**

P. Com Maria e como Maria, caminhemos com os pés com os pés ligeiros sobre a terra e com vistas largas para o Céu.

Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe

R. Graças a Deus.

**Oração para a bênção da mesa | Assunção | 15.08.2022**

Guia:

Senhor Jesus:

sê o anfitrião desta mesa.

Que o abraço entre Maria e Isabel,

surpreendidas pelo dom da maternidade,

nos inspire a converter a hostilidade

em hospitalidade destemida.

Que a Páscoa de Santa Maria

nos leve ao encontro dos irmãos,

de pés ligeiros sobre a Terra

e com vistas largas para o Céu,

onde seremos acolhidos

na alegria do banquete eterno.

Todos: Ámen.

****

**OUTROS TEXTOS**

**E HOMILIAS**

**ASSUNÇÃO**

**DA VIRGEM SANTA MARIA**

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2021**

«*Maria levantou-se, foi apressadamente para a montanha*» (*Lc* 1,39).

1. Maria acabara de dizer um «sim» ao sonho de Deus, que queria vir a este mundo, em carne viva. Para Maria, a escolha divina para ser a Mãe do Filho de Deus não está livre de escolhos. Mas tampouco, Maria se deixa confinar nos seus medos, problemas, dificuldades ou desafios. Maria levanta-se e põe-se apressadamente a caminho; sai a toda a pressa ao encontro da prima Isabel. E a pergunta, sem delongas, bem podia ser esta: *Por que se levantou Maria?* *Por que há tanta pressa no ar?* Maria não o fez para se ver livre de algum perigo imediato, pois tinha a companhia segura de José. Maria não o fez por imaginar a idosa prima Isabel sozinha, pois é dito que toda a vizinhança estava empolgada com a sua gravidez. Maria não o fez simplesmente para oferecer os seus préstimos a uma grávida de risco, pois, nesse caso, três meses seriam de bem curta duração!

2. Há – creio eu – razões mais profundas, que movem os pés e comovem o coração de Maria neste levantar-se, neste caminhar apressado. Apontemos apenas duas:

1.ª Razão:Maria levanta-se e parte a toda a pressa, porque fez a experiência de ser visitada pela graça, fez a experiência de um Deus que veio ao seu encontro desafiar a sua liberdade.Maria levanta-se porque disse um “sim” a Deus, que a desinstala de toda a comodidade e a move em direção ao próximo, rumo a um «nós» cada vez maior. E, por isso, Maria não permanece numa satisfação autorreferencial, como quem se apraz e compraz na ditosa honra de ser Mãe de Deus e de Deus filha. A experiência feliz deste encontro levanta e lança Maria para um novo anúncio, para um novo encontro. Na expectativa e no centro deste encontro está Cristo. Tudo gravita à sua volta. Também connosco tem de ser assim: é sempre a partir da graça do encontro com Cristo que se desperta em nós o desejo da partida e da saída de nós mesmos, para um novo anúncio, uma nova missão, a percorrer, com ousadia, como Maria, por um caminho novo e vivo!

2.ª Razão:Maria quer confirmar, com os seus ouvidos, com os seus olhos, no tato e no contacto daquele abraço, a experiência da sua fé. Maria deseja ver, a partir do encontro com Isabel, que não está a viver uma ilusão, a ter uma miragem enganadora e que os sonhos de Deus não se dissiparão no nada, como bolas de sabão no tempo, mas que transformam efetivamente a vida, rasgando-a a uma esperança maior do que Ela própria. No fundo, Maria quer ser testemunha viva de um Cristo vivo. E, por isso, sai ao encontro de Isabel e dela recebe as desejadas palavras de reconhecimento, a confirmação de que está efetivamente a realizar-se “*tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor*”! Para Maria, como para nós, a fé não é uma experiência isolada, mas partilhada. Nascemos e crescemos, não em laboratório, mas em comunidade, como um “*nós cada vez maior*”, de modo que a fé é sempre um «símbolo», quer dizer, é um dom que requer o encontro e a confirmação de duas partes, pois ninguém vive, crê, espera ou ama sozinho.

3.Este “*levantar-se*” apressado de Maria é o mote da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023 e é também o lema do nosso Plano Diocesano de Pastoral 2021/22, que assim se resume neste imperativo e neste modo: “*Levanta-te. Juntos por um caminho novo*”.Neste *novo normal* da sua vida, Maria desafia-nos a não fazermos de conta que não se passou nada com esta pandemia, mas a enfrentarmos todos juntos a novidade desta hora, com coragem criativa, com a audácia de buscar novos caminhos, para que a alegria do Evangelho chegue a todos os confins da Terra. Maria desafia-nos a levantarmo-nos do chão e a sair de casa, a ressuscitar e a caminhar numa vida nova, e não a andar para trás, de volta à vida de antigamente.

Nossa Senhora de Agosto ou da Assunção nos alcance um novo ardor de ressuscitados, para levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte! Elevada ao Céu, Maria nos ajude a avivar a chama olímpica, no ardor da nossa missão: sempre “*mais rápido, mais alto, mais forte – juntos*”. Com Maria e como Maria: com os pés apressados na Terra. E os olhos fitos no Céu.

**Homilia na solenidade da assunção da virgem santa maria 2020**

1. A cada passo, recebo uma mensagem a pedir o meu voto para as sete maravilhas… do mundo, do país, de uma região, de uma determinada arte ou engenho. O último concurso destinava-se, por exemplo, a eleger as sete maravilhas da cultura popular! A vantagem destas iniciativas é abrir-nos os olhos para as muitas maravilhas que há à nossa volta, dentro e fora de nós, no nosso pequeno ou no nosso grande mundo. Maria, no seu *Magnificat*, reza e canta as maravilhas de Deus na sua vida. Ela alegra-Se e glorifica o Senhor, a sua alma rejubila por causa de Deus, por causa de tudo o que o Senhor fez n’Ela e por Ela. Maria ensina-nos, por isso, a exultar em Deus, porque Deus, autor de todos os bens, faz maravilhas na sua como na nossa vida. Este é o sentido das palavras com que Maria começa a bela oração do *Magnificat*: “*A* *minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador*” (*Lc* 1,46-47).

2. Glorificar significa exaltar uma realidade pela sua grandeza, pela sua beleza... Maria exalta a grandeza do Senhor, louva-O dizendo que Ele é verdadeiramente grande. Na vida é importante procurar grandes coisas; caso contrário, perdemo-nos atrás de tantas e pequenas coisas. Maria mostra-nos que, se quisermos uma vida que seja feliz, teremos de colocar Deus em primeiro lugar, porque só Ele é grande. Quantas vezes, pelo contrário, vivemos no encalço de coisas de pouca importância: preconceitos, rancores, rivalidades, invejas, ilusões, bens materiais supérfluos... Como sabemos, há muita mesquinhez na nossa vida! Hoje, Maria convida-nos a *elevar o olhar* para as «maravilhas» que o Senhor realizou n’Ela. Olhando para Maria, podemos reconhecer n’Ela, pelo menos, estas sete maravilhas:

- **1.ª maravilha**: *a sua Imaculada Conceição*: Maria, escolhida por Deus para ser a Mãe de Seu Filho, é concebida sem sombra de pecado. N’Ela Deus começa, de raiz, a obra da nossa salvação.

- **2.ª maravilha:** *a sua fé inabalável na Palavra de Deus*. Pelo seu «sim», Maria fia-Se e confia-Se, sem reservas, à vontade de Deus, numa fidelidade sem quebra e sem prazo.

- **3.ª maravilha:** *a prontidão da sua caridade*. Inflamada pela caridade divina, Maria vai, a toda a pressa, ao encontro de sua prima Isabel, para partilhar o dom que a move e comove, na alegria do serviço doméstico.

- **4.ª maravilha:** no grupo das sete, esta está no coração de todas: *é o dom da sua maternidade divina.* Sem dúvida, este é o seu grande título de glória. Maria é bendita pelo fruto do seu ventre: Jesus. Ela é a Santa Mãe de Deus.

- **5.ª maravilha:** *a sua humildade.* O Senhor olhou para a sua humilde serva e não Lhe resistiu, porque a humildade abre à ação de Deus um caminho sem escolhos.

- **6.ª maravilha:** *a sua memória prodigiosa*. Maria guarda todas as palavras, todas as coisas em seu coração, tornando-Se a fiel depositária das maravilhas de Deus.

- **7.ª maravilha:** *a sua assunção gloriosa*. Pequena e humilde, primeira criatura elevada ao Céu, assumida na glória de seu Filho Ressuscitado. Na sua Páscoa gloriosa, vemos já a nossa meta: o Céu. Ela está à porta do Céu, à nossa espera, porque é a nossa Mãe.

**3.** Com Maria, aprendamos também nós a glorificar o Senhor, pelas maravilhas que Deus opera na nossa vida. Com Maria, aprendamos a ver e a viver tais maravilhas, sempre a partir do Alto, porque não somos feitos para as pequenas satisfações do mundo, mas para as grandes alegrias do Céu!

Deixo-te então um desafio para este dia, para este tempo a(o)gosto de Deus: abre um concurso, dentro do teu coração. Vamos lá descobrir as sete maravilhas de Deus na tua vida! Escreve-as e descreve-as. E, por cada uma delas, alegra-te, reza, agradece e glorifica o Senhor!

**Nota:** algumas ideias desta homilia, a partir de Papa Francisco, *Angelus*, 15.08.2019.

**Homilia na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria 2019**

**com um Casamento e três Batismos**

Celebramos hoje a Assunção da Virgem Santa Maria. Nesta Eucaristia tem lugar a celebração do Matrimónio de Hélder e Cátia e do Batismo da sua filha Benedita e de mais duas crianças: a Catarina e o Santiago. De algum modo, esta homilia e a celebração têm de seguir o caminho de Maria: um caminho feito à pressa. Que luz nos projeta a liturgia deste dia? Digamos três palavras breves e simples:

Primeira: Maria abre na sua vida um caminho para Deus e a partir daí percorre um caminho de saída de Si mesma, em direção aos outros. O caminho, aberto por Deus na sua vida, é um caminho de saída e com saída para a vida eterna. Esta é a dinâmica do nosso Batismo: a de morrermos com Cristo para nós próprios, de sairmos de nós mesmos, para vivermos com Cristo uma vida orientada para Deus, voltada para os irmãos. O Batismo é apenas o início de um caminho que dura a vida inteira. E é um caminho que só se concluirá com a nossa morte e ressurreição em Cristo. Este Caminho é Jesus. E a Estrela maior que nos guia, neste seguimento de Jesus, é Maria. Que Maria ensine os pais, padrinhos e esta comunidade a guiar e a acompanhar estas crianças no caminho da fé e da vida, até à meta da vida eterna.

Segunda: Este caminho de saída é particularmente exigente para os esposos que seguem “*o caminho do matrimónio*”. Cada um dos esposos é chamado a sair de si, para abrir espaço ao outro, de modo que cada um encontre, no outro, o lugar do seu próprio coração. E é importante que um e outro deixem espaço para Deus abrir, no meio deles, um caminho novo, que é Cristo. Neste caminho, o Senhor está no meio, como companheiro invisível; vai atrás de vós para vos levantar do chão, e caminhará à vossa frente, para vos mostrar a meta do verdadeiro amor, que nunca acaba.

A Mãe de Jesus, que esteve nas bodas de Caná, atenta aos noivos, vos ampare e vos conduza neste caminho de saída e com saída para a vida verdadeira, de modo que Cristo seja a fonte da alegria do amor nas vossas vidas.

Terceira: O caminho apressado de Maria desafia-nos a todos nós, aqui presentes, a dizer “não” à comodidade que nos paralisa; a vivermos como gente viva e ressuscitada, gente animada e mobilizada, gente que se levanta do túmulo desta indiferença que mata, para viver uma existência orientada para Deus e voltada para os irmãos.

Como Maria, saibamos abrir caminho para Deus e a dar espaço, na nossa vida, para Ele e para os nossos irmãos.

**Homilia breve na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2019**

«*Maria pôs-Se a caminho e dirigiu-Se apressadamente*» (*Lc* 1,39).

**1.** Como é bela a imagem e interpelativa a mensagem desta longa viagem de Maria, que Se põe a caminho, com toda a pressa! Agraciada pela surpresa de uma maternidade divina, Maria não Se fica, por casa, a contemplar-Se, orgulhosa de Si, no espelho das suas virtudes! A “*Senhora da prontidão*” (EG 288), que abriu caminho a Deus, levanta-Se, põe-Se a caminho, faz-Se portadora do Evangelho vivo, Jesus Cristo, traduzindo-O em palavras de saudação, em gestos de caridade em favor de quem mais precisa!

2. O Papa Francisco escolheu e destacou esta atitude de Maria, como imagem de marca e tema central, que inspirará a próxima Jornada Mundial da Juventude, em Portugal, no verão de 2022. Disse o Papa aos jovens e propõe-no, desde já, a cada um de nós: “*Como Maria e juntamente com Ela, sede todos os dias portadores da sua alegria e do seu amor. Sempre prontos, sempre velozes, mas sem ansiedade*” (*Discurso*, 22.06.2019). Trata-se, em todo o caso, de dizer “não” à comodidade que nos paralisa; trata-se de aprendermos de Maria a viver como gente viva e ressuscitada, gente animada e mobilizada, gente que se levanta do túmulo desta indiferença que mata, para viver uma existência orientada para Deus e voltada para os irmãos.

3. A solenidade da Assunção de Nossa Senhora projeta-nos, pois, neste caminho de Maria, que é sempre um caminho de saída de Si mesma e um caminho com saída para a vida eterna. Este caminho recomeça, todos os dias, em cada dia, na obediência à voz de Deus, que nos impele a levantarmo-nos do chão, a olharmos para o alto e a seguirmos os caminhos que Deus abre na nossa vida, de modo que, também nós, como Maria, saibamos abrir caminho e dar espaço, na nossa vida, para Ele e para os nossos irmãos.

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2019**

«*Maria pôs-Se a caminho e dirigiu-Se apressadamente*» (*Lc* 1,39).

**1.** Como é bela a imagem e interpelativa a mensagem desta longa viagem de Maria, que Se põe a caminho, com toda a pressa! Agraciada pela surpresa de uma maternidade divina, Maria não Se fica, por casa, a contemplar-Se, orgulhosa de Si, no espelho das suas virtudes! A “*Senhora da prontidão*” (EG 288), que abriu caminho a Deus, levanta-Se, põe-Se a caminho, faz-Se portadora do Evangelho vivo, Jesus Cristo, traduzindo-O em palavras de saudação, em gestos de caridade, em favor de quem mais precisa!

2. Bem vistas as coisas, a vida inteira de Maria foi assim vivida como a de uma mulher comum da sua época: rezava, ocupava-Se da família e da casa, frequentava a sinagoga... ajudava os outros. Mas qualquer ação diária era sempre realizada por Maria de forma extraordinária, em união total com Jesus. E, no Calvário, esta união alcançou o ápice, o extremo do amor materno, na compaixão e no sofrimento do coração. Por isso, Deus ofereceu, por fim, a Maria uma participação plena na ressurreição de Jesus, seu Filho. Na verdade, Maria abriu, no seu corpo, na sua carne, um caminho para Deus e assim permitiu que também Deus Lhe abrisse o caminho para a vida nova e plena da ressurreição, fazendo dela ‘*terra do Céu’*.

3. Queridos irmãos e irmãs: o Papa Francisco escolheu e destacou esta atitude de Maria, como imagem de marca e tema central, que inspirará a próxima Jornada Mundial da Juventude, em Portugal, no verão de 2022. Disse o Papa aos jovens e propõe-no, desde já, a cada um de nós: “*Como Maria e juntamente com Ela, sede todos os dias portadores da sua alegria e do seu amor. Sempre prontos, sempre velozes, mas sem ansiedade*” (Papa Francisco, *Discurso*, 22.06.2019). E para os dois próximos anos o Papa retoma e replica esta atitude caminheira e revolucionária de Maria, que Se levanta e sai de Si, ao encontro dos outros. Para o próximo ano pastoral 2019/2020 os jovens são convidados a acolher o desafio de Jesus ao filho único da viúva de Naim: “*Jovem, eu te digo: levanta-te*” (cf. *Lc* 7,14 e *Christus vivit*, 20). No ano seguinte (2020/2021), permanecerá o imperativo de Jesus a Paulo: “*Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste*” (*At* 26,16). Trata-se, em todo o caso, de dizer “não” à comodidade que nos paralisa; trata-se de aprendermos de Maria a viver como gente viva e ressuscitada, gente animada e mobilizada, gente que se levanta do túmulo desta indiferença que mata, para viver uma existência orientada para Deus e voltada para os irmãos.

4. A solenidade da Assunção de Nossa Senhora projeta-nos, pois, neste caminho de Maria, que é sempre um caminho de saída de Si mesma e um caminho com saída para a vida eterna. Este caminho recomeça, todos os dias, em cada dia, na obediência à voz de Deus, que nos impele a levantarmo-nos do chão, a olharmos para o alto e a seguirmos os caminhos que Deus abre na nossa vida, de modo que também nós saibamos abrir caminho e dar espaço na nossa vida para Ele e para os nossos irmãos.

5. Irmãos e irmãs: [apesar da crise energética…] o mês de agosto é sempre o mês de todas as pressas e partidas, das viagens, de idas e regressos, das migrações e peregrinações, das visitas e dos encontros inesperados! O desafio espiritual é fazermos estas viagens com aquela *pressa* de Maria por Se levantar e levar Cristo aos outros, em palavras que salvam, em gestos de ternura.

Com Maria, a Estrela que nos guia, levantemo-nos do chão, de corações ao alto, e ponhamo-nos a caminho, em direção à meta, que é o Céu, a vida eterna, a glória prometida, que brilha já, de modo único, na Assunção da Virgem Santa Maria!

**Homilia na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria 2018**

A meio do mês e a meio desta 19.ª semana do Tempo Comum vale a pena pôr os olhos em Maria, nossa Mãe, para respondermos à pergunta: “*Afinal, o que queremos nós ser? Missionários de poltrona? Ou discípulos caminheiros da fé?*”. A figura de Maria, desenhada no Evangelho, apresenta-nos a Mãe de Jesus como a primeira discípula missionária do Seu Filho e, portanto, verdadeiro modelo eclesial para a evangelização. Vejamo-lo em três imagens muito simples:

**1.** Em primeiro lugar, Maria é a *Nossa Senhora do Ó*, a Mãe da expectação! Ela apresenta-Se grávida e, por isso, “*cheia da presença de Cristo*” (EG 288). E a graça dessa presença, no dizer da Sua prima Isabel, é fruto da fé de Maria, isto é, da Sua correspondência plena ao amor de Deus, numa existência totalmente entregue ao Eterno. “*Mãe e discípula, -* dizia Santo Agostinho - *para Maria foi mais importante ser discípula que ser mãe*”. Por isso, Isabel a proclama “*bendita entre as mulheres*” (*Lc* 1,42) e intui claramente que toda a Sua grandeza e felicidade Lhe vem da fé: “*Feliz és tu porque acreditaste*” (*Lc* 1,45). Assim, Maria é a “*primeira discípula de Jesus*”, a primeira na profundidade da Sua fé humilde e a primeira no tempo da resposta a Deus e do seguimento fiel de Jesus, desde o berço até à Cruz.

**2.** Em segundo lugar, Maria é a “*Senhora da Prontidão*” (EG 288)! “*Cheia da presença de Cristo, levou a alegria a João Batista, fazendo-o exultar no seio de sua mãe”* (EG 288). Maria é aquela discípula caminheira, aquela discípula que sai de si mesma e a toda a pressa, sem desculpas nem adiamentos, ao encontro dos outros. Em Maria, encontramos um perfeito modelo para a evangelização, porque n’Ela se combinam harmoniosamente o espírito orante e a caridade ativa, a ponderação dos sinais de Deus e a atenção às necessidades do próximo, a humildade do serviço e a ternura do afeto, a pausa silenciosa da escuta e o caminho lesto de saída ao encontro dos outros. Quando olhamos para Maria, “*voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto*” (EG 288). Por tudo isto, Maria é, para nós, a primeira missionária, que nos ensina aquela audácia de buscar novos caminhos, mesmo se tortuosos e arriscados, para que chegue a todos o dom da beleza da fé que não se apaga mas se apega; para que chegue a todos os confins da Terra a alegria do Evangelho!

**3.** Em terceiro lugar, Maria éa *Senhora da Assunção*! Percorreu o caminho da fé, na luta e na esperança. Mas já alcançou a meta prometida, a vitória da ressurreição. Neste sentido, o discípulo missionário deixa-se guiar por esta bela Estrela da nova Evangelização, para não ser um caminheiro “*a correr pelo mundo, sem direção nem sentido*” (EG 46), mas orientado em direção à Pátria definitiva, onde já Se encontra, na glória, a Virgem Santa Maria. Em Maria, sabemos que a fé é um caminho para a vida; é um caminho de saída e é um caminho com saída para a vida eterna!

A Maria, confiemos, desde já, o nosso Ano Pastoral 2018/2019, rezando:

Nossa Senhora da Expectação, sois a primeira e a mais perfeita discípula do Senhor: ajudai-nos a dizer o nosso «sim» perante a urgência de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus!

Nossa Senhora da Prontidão, sois a primeira missionária, portadora do Evangelho vivo: dai-nos a audácia de levar Jesus a todos e todos a Jesus, como amigo que traz amigo, todos à procura de mais um!

Nossa Senhora da Assunção: sois o sinal de esperança na vitória e a Estrela da nova Evangelização: dai-nos a firmeza, a paciência e a mansidão, para fazermos todos da alegria do Evangelho a nossa missão. Ámen.

**papa francisco, *angelus*, 15.08.2019**

No Evangelho de hoje, solenidade da Assunção de Maria Santíssima, a Virgem Santa reza assim: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador» (*Lc* 1, 46-47). Vejamos os verbos desta oração: *glorifica* e *alegra-se.* Dois verbos: *“glorifica”* e *“alegra-se”. Alegramo-nos* quando acontece algo tão bonito que não é suficiente rejubilar-nos dentro, na alma, mas queremos expressar a felicidade com todo o corpo: então alegramo-nos. Maria alegra-se por causa de Deus. Quem sabe se também nós nos alegramos pelo Senhor: alegramo-nos por um resultado alcançado, por uma boa notícia, mas hoje Maria ensina-nos a exultar em Deus. Porquê? Porque Ele — Deus — faz «maravilhas» (cf. v. 49).

As maravilhas são evocadas pelo outro verbo: *glorificar.* «A minha alma glorifica».

**Glorificar.** Com efeito, glorificar significa exaltar uma realidade pela sua grandeza, pela sua beleza... Maria exalta a grandeza do Senhor, louva-o dizendo que Ele é verdadeiramente grande. Na vida é importante procurar grandes coisas, caso contrário perdemo-nos atrás de tantas pequenas coisas. Maria mostra-nos que, se quisermos que a nossa vida seja feliz, temos de colocar Deus em primeiro lugar, porque só Ele é grande. Quantas vezes, ao contrário, vivemos no encalço de coisas de pouca importância: preconceitos, rancores, rivalidades, invejas, ilusões, bens materiais supérfluos... Como sabemos, há muita mesquinhez na vida! Hoje Maria convida-nos a *elevar o olhar* para as «maravilhas» que o Senhor realizou nela. Também em nós, em cada um de nós, o Senhor realiza muitas maravilhas. Devemos reconhecê-las e alegrar-nos, glorificar a Deus por estas grandes coisas.

São as «maravilhas» que celebramos hoje. Maria é assumida no céu: pequena e humilde, é a primeira que recebe a glória mais excelsa. Ela, que é uma criatura humana, uma de nós, alcança a eternidade de alma e corpo. E ali espera por nós, tal como uma mãe aguarda que os filhos voltem para casa. Com efeito, o povo de Deus invoca-a como a *«porta do Céu»*. Estamos a caminho, peregrinos rumo à casa celestial. Hoje olhamos para Maria e vemos a meta. Vemos que uma criatura foi assumida na glória de Jesus Cristo ressuscitado, e que a criatura só podia ser Ela, a Mãe do Redentor. Vemos que no Paraíso, juntamente com Cristo, o Novo Adão, está também Ela, Maria, a nova Eva, e isto dá-nos conforto e esperança na nossa peregrinação terrena.

A festividade da Assunção de Maria é uma exortação a todos nós, especialmente àqueles que estão aflitos por dúvidas e tristezas, e vivem cabisbaixos, não conseguem erguer os olhos. **Olhemos para cima, o céu está aberto**; não incute medo, já não está distante, **porque no limiar do céu há uma mãe à nossa espera, é a nossa mãe**. Ela ama-nos, sorri para nós e socorre-nos com esmero.

Como todas as mães, Ela quer o melhor para os seus filhos e diz-nos: «Vós sois preciosos aos olhos de Deus; não sois feitos para as pequenas satisfações do mundo, mas para as grandes alegrias do céu». Sim, porque Deus é alegria, não tédio. Deus é alegria! Deixemo-nos levar pela mão de Nossa Senhora. Cada vez que pegamos no Rosário e rezamos a Ela, damos um passo em frente rumo à grande meta da vida.

Deixemo-nos atrair pela verdadeira beleza, não nos deixemos absorver pelas pequenas coisas da vida, mas escolhamos a grandeza do céu.

A Santíssima Virgem, Porta do Céu, nos ajude a olhar com confiança e alegria todos os dias para lá, onde se encontra a nossa verdadeira casa, onde Ela, como mãe, está à nossa espera.

**papa francisco, *angelus*, 15.08.2018**

Na solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, o santo povo fiel de Deus expressa com alegria a sua veneração à Virgem Mãe. Faz isto na liturgia comum e também com numerosas e diversas formas de piedade; e assim se realiza a profecia de Maria: «Todas as gerações me hão de chamar ditosa» (Lc 1, 48). Pois o Senhor elevou a sua humilde serva.

A assunção ao Céu, em alma e corpo, é um privilégio divino concedido à Santa Mãe de Deus pela sua particular união com Jesus. Trata-se de uma união corporal e espiritual, que teve início com a Anunciação e amadureceu em toda a vida de Maria através da sua participação singular no mistério do Filho. Maria estava sempre com o Filho: ia atrás de Jesus e por isso nós dizemos que foi a primeira discípula.

A existência de Nossa Senhora foi vivida como a de uma mulher comum da sua época: rezava, ocupava-se da família e da casa, frequentava a sinagoga... Mas qualquer ação diária era sempre realizada por ela em união total com Jesus. E no Calvário esta união alcançou o ápice, no amor, na compaixão e no sofrimento do coração. Por isso Deus lhe doou uma participação plena também na ressurreição de Jesus. O corpo da Santa Mãe foi preservado da corrupção, como o do Filho.

Hoje a Igreja convida-nos a contemplar este mistério: ele mostra-nos que Deus quer salvar o homem inteiro, ou seja, salvar alma e corpo. Jesus ressuscitou com o corpo que tinha assumido de Maria; e subiu para o Pai com a sua humanidade transfigurada. Com o corpo, um corpo como o nosso, mas transfigurado. A assunção de Maria, criatura humana, dá-nos a confirmação de qual será o nosso destino glorioso.

Já os filósofos gregos tinham compreendido que a alma do homem está destinada à felicidade depois da morte. Contudo, eles desprezavam o corpo — considerado prisão da alma — e não concebiam que Deus tivesse disposto que também o corpo do homem estivesse unido à alma na bem-aventurança celeste. O nosso corpo, transfigurado, estará lá. Trata-se — a «ressurreição da carne» — de um elemento próprio da revelação cristã, um ponto fundamental da nossa fé.

A maravilhosa realidade da Assunção de Maria manifesta e confirma a unidade da pessoa humana e recorda-nos que somos chamados a servir e glorificar Deus com todo o nosso ser, alma e corpo. Servir Deus apenas com o corpo seria uma ação de escravos; servi-lo só com a alma estaria em contraste com a nossa natureza humana. Um grande padre da Igreja, por volta dos anos 220, Santo Ireneu, afirma que a «glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem consiste na visão de Deus» (Contra as heresias, iv, 20, 7). Se tivermos vivido assim, no serviço jubiloso a Deus, que se expressa também num generoso serviço aos irmãos, o nosso destino, no dia da ressurreição, será semelhante ao da nossa Mãe celeste. Então, nos será concedido realizar plenamente a exortação do apóstolo Paulo: «Glorificai a Deus no vosso corpo!» (1 Cor 6, 20), e glorificá-lo-emos para sempre no céu.

Rezemos a Maria para que, com a sua materna intercessão, nos ajude a viver o nosso caminho diário na esperança laboriosa de a poder um dia alcançar, com todos os Santos e os nossos entes queridos, todos no paraíso.

**Homilia na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria 2017**

1. Estamos a meio de agosto! E este sol a pique, sobre o nosso corpo, banhado nas ondas da praia, mostra-se mais sedutor do que o Sol Nascente, que nos visita lá das alturas (Lc 1,78), imagem de Cristo, única fonte de luz e de vida! Nos nossos olhos cintilam, porventura com mais brilho, as luzes intermitentes da noite, do que o luar de um céu estrelado, no qual se projeta a imagem de “uma *Mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés*” (*Ap* 12,1). Agosto está no coração desta *estação tola* – como lhe chamam os analistas – ou, para ser mais chique, está no coração da silly season, no coração deste tempo inútil, tempo vazio e de distração, em que apetecem mais os prazeres do momento, do que as delícias da vida eterna! Mas é precisamente neste tempo assim, tão alérgico a pensamentos profundos ou a altos ideias, e é neste ambiente tão atirado e atraído para as coisas do mundo, que a Igreja nos convida, na Assunção da Virgem Santa Maria, a entrar na nuvem, a pôr os olhos noutro *Céu* e a deixarmo-nos iluminar por outro *Sol.*

2. Fixemos então os nossos olhos no Céu! “*Sou do céu*”, assim respondeu Nossa Senhora à primeira pergunta de Lúcia, na 1.ª aparição de Fátima, em 13 de maio de 1917. Com Maria e como Ela, também nós, que agora caminhamos na terra, somos já e seremos inteiramente do Céu. Infelizmente, para muitos cristãos, afetados por uma espécie de miopia espiritual, a sua esperança em Cristo está posta apenas na vida presente. Mas a Assunção de Nossa Senhora vem dizer-nos que a promessa da vida eterna, a promessa da plena participação da nossa vida, junto de Deus, já se iniciou em Cristo, já alcançou a vida inteira de Maria, e há de realizar-se em nós. Vivemos, pois, nesta certeza de pertencermos ao Céu. E este céu existe mesmo, não é fantasia. Doravante, o céu está aberto para nós, o céu não está vazio, o céu tem um coração… porque lá Se encontra Maria, nossa Mãe! É em função desta grande esperança, que usamos as coisas do mundo com cuidado amoroso, com moderação e com eterna gratidão; é em função desta esperança que lutamos pela transformação deste mundo num novo céu e numa nova terra!

3. E se a primeira aparição de Maria, em Fátima, nos recordava que somos do *Céu,* na última fomos convidados pela Irmã Lúcia, a olhar para o sol. «*Olhem para o sol*» dizia a vidente à multidão e parece dizer-nos ainda hoje: “*olhem para o Sol das vossas vidas que é Deus, Amor e Misericórdia que tudo envolve; olhem para o Sol Nascente que é Jesus Cristo, morto e ressuscitado, «cujos raios dão a vida»*”(LF, n.º 1).

4. Mas, queridos irmãos e irmãs, só poderemos olhar para o sol, se uma *nuvem* não muito espessa estiver entre nós e ele. Essa nuvem, entre o céu e a terra, que nos permite contemplar Deus, é a Virgem Maria, a “*Mulher revestida de Sol*”, ou, no dizer de Lúcia, “*a Senhora mais brilhante que o Sol*”. Maria é verdadeiramente essa nuvem, entre nós e o sol, “*a nuvem de misericórdia*” (S. Tiago de Sarug, + 521), que carrega em si as angústias e as esperanças de todos os seus filhos!

5. Maria, elevada ao céu, é sinal de consolação e esperança para nós, povo peregrino! Para vermos este sinal, aprendamos a pôr os olhos noutro Céu, para receber a eterna luz de um outro Sol! Cantemos hoje e sempre, com renovada esperança e inefável alegria este belo hino da nossa fé, na proteção da Mãe de Deus: “*Com minha Mãe estarei / na santa glória um dia; junto à Virgem Maria, / no Céu triunfarei*”.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Nota breve: Os pontos 3 e 4 desta Homilia são inspirados no livro de Dom João Marcos, *A beleza da Virgem Maria. 12 Catequeses sobre Nossa Senhora*, Ed. Paulus, Lisboa 2018, pp. 13; 80-81. Recomendo a leitura deste precioso livro.

**PAPA FRANCISCO, *ANGELUS***

**Terça-feira, 15 de agosto de 2017**

Hoje, solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria, o Evangelho apresenta-nos a jovem de Nazaré que, tendo recebido o anúncio do Anjo, parte depressa para ir ter com Isabel, nos últimos meses da sua gravidez prodigiosa. Ao chegar à sua casa, Maria ouve dos seus lábios as palavras que compõem a oração da “Ave-Maria”: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (Lc 1, 42). Com efeito, o maior dom que Maria oferece a Isabel — e ao mundo inteiro — é Jesus, que já vive nela; e vive não só por fé e expetativa como em tantas mulheres do Antigo Testamento: da Virgem Jesus assumiu a carne humana para a sua missão de salvação. Na casa de Isabel e do seu marido Zacarias, onde antes reinava a tristeza pela falta de filhos, agora há a alegria da chegada de um bebé: um menino que se tornará o grande João Batista, precursor do Messias. E quando Maria chega, a alegria transborda e rebenta dos corações, porque a presença invisível mas real de Jesus a tudo dá sentido: a vida, a família, a salvação do povo... Tudo! Esta alegria plena exprime-se com a voz de Maria na oração maravilhosa que o Evangelho de Lucas nos transmitiu e que, desde a primeira palavra latina, se chama Magnificat. É um canto de louvor a Deus que realiza grandes coisas através das pessoas humildes, desconhecidas ao mundo, como a própria Maria, o seu esposo José, e também o lugar no qual vivem, Nazaré. As grandes coisas que Deus realizou com as pessoas humildes, as coisas grandes que o Senhor faz no mundo com os humildes, porque a humildade é como um vazio que deixa espaço a Deus. O humilde é poderoso porque é humilde: não porque é forte. Esta é a grandeza do humilde e da humildade. Gostaria de vos perguntar — e também a mim mesmo — sem responder em voz alta, cada um responda no coração: “Como está a minha humildade?”.

O Magnificat canta o Deus misericordioso e fiel, que cumpre o seu desígnio de salvação com os pequenos e os pobres, com os que têm fé n’Ele, que confiam na sua Palavra, como Maria. Eis a exclamação de Isabel: «Feliz daquela que acreditou» (Lc 1, 45). Naquela casa, a vinda de Jesus através de Maria criou um clima não só de alegria e de comunhão fraterna mas também de fé que leva à esperança, à oração e ao louvor.

Gostaríamos que tudo isto acontecesse também hoje nas nossas casas. Celebrando a Assunção de Maria Santíssima ao Céu, peçamos que Ela, mais uma vez traga a nós, às nossas famílias, às nossas comunidades, aquele dom imenso, única graça que devemos pedir sempre em primeiro lugar e acima das outras graças embora todas nos estejam a peito: a graça que é Jesus Cristo! Dando-nos Jesus, Nossa Senhora oferece-nos também uma alegria nova, plena de significado; concede-nos uma nova capacidade de atravessar com fé os momentos mais dolorosos e difíceis; doa-nos a capacidade de misericórdia, para nos perdoar, nos compreender, nos apoiar reciprocamente. Maria é modelo de virtude e fé. Ao contemplá-la hoje elevada ao Céu, ao cumprimento final do seu itinerário terreno, demos-lhe graças porque sempre nos precede na peregrinação da vida e da fé — é a primeira discípula. E peçamos-lhe que nos guarde e nos apoie; que possamos ter uma fé firme, jubilosa e misericordiosa; que nos ajude a ser santos, para nos encontrar com ela, um dia, no Paraíso.

*Depois do Angelus:* A Maria Rainha da paz, que contemplamos hoje na glória do Paraíso, gostaria de confiar mais uma vez as ansiedades e as dores das populações que em tantas partes do mundo sofrem por causa de calamidades naturais, de tensões sociais ou de conflitos. Que a nossa Mãe celeste obtenha para todos consolação e um futuro de serenidade e de concórdia!

**Homilia na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria 2016**

1.No meio de agosto, no fogo cruzado dos jogos olímpicos, dos incêndios, das férias e das viagens, eis-nos, a celebrar, com alegria, a solenidade da Assunção de Nossa Senhora, a Páscoa de Maria.

O tempo de calor severo parece quase adormecer o nosso desejo de Deus, a nossa aspiração à eternidade e até a nossa vocação às alturas da santidade. Apetece-nos mais, porventura, meter a cabeça na areia, o corpo na água, o repouso do sofá. Mas o desafio da Assunção de Maria é acordar-nos do estado de dormição e pôr-nos a olhar para o alto. O céu é a meta do nosso atribulado caminho e as suas alturas o único record à medida do nosso desejo. Maria, que corre à pressa pelas montanhas da Judeia, desafia-nos, pois, a galgar a medida alta da vida cristã, como alpinistas da santidade! Quando um alpinista sobe uma parede rochosa, não pode mais olhar para o chão, sob pena de cair na vertigem do abismo, mas tem de obedecer a este apelo íntimo e vital: «*olha para o alto*».

Este é um desafio importante, pois se olharmos somente à nossa v0lta ou unicamente para baixo de nós, veremos tantas coisas que não estão bem, que nos angustiam e nos metem medo e então a nossa tentação será a de desistir ou a de cair em desânimo. A Assunção sobe ao mais alto possível a fasquia do nosso desejo. Maria, elevada ao céu, recebe, lá nas alturas, o triunfo da glória, não como um trofeu exclusivo, que guarda para Si, mas, com ele, dá-nos também a nós a medida alta da nossa esperança: a nossa ressurreição em Cristo. Maria é, pois, a nossa campeã do “*salto em altura*”. E o desafio olímpico que nos deixa hoje é precisamente este: *olhar para o alto!*

2. *Olhar para o alto*. Que poderá significar isto? Dir-te-ia três coisas simples:

**2.1.** Olha para o alto, olha para a finalização de todo o desígnio de Deus! O fim não é a destruição, mas a plenitude da vida. O fim não é o fracasso da humanidade, mas a sua consumação. E crê: a tua vida, apesar de todas as penas, está projetada para o alto, para o Céu, para a eternidade, para o Senhor, para a glória de Cristo e de Maria; o esplendor desta glória invadirá o universo inteiro e fará de ti uma só coisa com Deus e com os outros, quando Deus for tudo em todos. Esta é a tua esperança maior, a âncora que te impedira de te afogares na banalidade do mal.

2.2. Olha para o alto, olha para a meta da tua vida, para o céu, onde te espera o paraíso, a proximidade de Jesus e de Maria, a comunhão dos santos e de todos aqueles que amastes e te amaram! E diz a ti mesmo, sem te lamentares: *«é tão grande o bem que espero, que em cada pena me deleito*». Esta visão da glória impedir-te-á de morreres antes do tempo.

2.3. Olha para o alto, para o céu, sem deixares de assentar os pés na terra! E não te deixes entorpecer, nem desanimar, por aquilo que não está bem, quando olhas apenas para o chão. Olha para o alto, olha para tudo aquilo, de belo e grandioso, que Deus já realiza em ti, com a Sua bondade e que afinal já te dá tanta alegria e contentamento. Este olhar lançará o teu coração, para lá das coisas do mundo. Se tens o coração fixo nas alturas, se a flecha do teu desejo aponta para aquele alvo, que é Deus, a tua vida ganhará em profundidade, grandeza, luz e beleza.

3. Olhemos, irmãos e irmãs, para Maria, elevada às alturas do céu! Com Ela, aprendermos a lutar, a caminhar e a viver, sem nos lamentarmos, nem desesperamos, mas dando graças a Deus, sempre e em tudo, porque Ele é bom. “*Ele derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes*”, para nos fazer chegar às alturas da Sua glória, onde Sua Mãe já nos precede e a todos nos alcançará! Assim seja.

**PAPA FRANCISCO. *ANGELUS*, Segunda-feira, 15 de agosto de 2016**

«*Maria pôs-se a caminho dirigindo-se à pressa para uma região de montanha, a uma cidade de Judá*» (v. 39). Naqueles dias, Maria corria rumo a uma pequena aldeia nos arredores de Jerusalém para se encontrar com Isabel. Hoje, ao contrário, contemplamo-la, no seu caminho, rumo à Jerusalém celeste, para se encontrar finalmente com a face do Pai e para rever o rosto do seu Filho Jesus. Muitas vezes na sua vida terrena Maria tinha percorrido regiões de montanha, até à derradeira e dolorosa etapa do Calvário, associada ao mistério da paixão de Cristo. Hoje vemo-la chegar à montanha de Deus, «*revestida de sol, com a lua aos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas*» (Ap 12, 1) — como reza o livro do Apocalipse — e vemo-la ultrapassar o limiar da Pátria celestial.

Maria foi *a primeira* que acreditou no Filho de Deus, *a primeira* que subiu ao Céu em alma e corpo, *a primeira* que recebeu e levou ao colo Jesus, quando Ele era ainda um Menino, *a primeira* que foi acolhida pelos seus braços para ser introduzida no Reino eterno do Pai. Precisamente porque acolheu e viveu o Evangelho, Maria, uma jovem humilde e simples de um povoado perdido na periferia do império romano, é recebida por Deus para permanecer por toda a eternidade ao lado do trono do Filho. É assim que o *Senhor derruba os poderosos dos tronos e eleva os humildes* (cf. Lc 1, 52).

A Assunção de Maria é um grande mistério que diz respeito a cada um de nós, ao nosso futuro. Com efeito, Maria precede-nos na vereda pela qual se encaminham aqueles que, mediante o Batismo, vincularam a sua vida a Jesus, assim como Maria uniu a Ele a própria vida. A festa de hoje leva-nos a fitar o firmamento, prenuncia «os novos céus e a nova terra», com a vitória de Cristo ressuscitado sobre a morte e a derrota definitiva do maligno.

Por conseguinte, a exultação da Menina humilde da Galileia, expressa no cântico do Magnificat, torna-se o canto da humanidade inteira, que se compraz ao ver o Senhor debruçar-se sobre todos os homens e todas as mulheres, criaturas humildes, para as receber junto de si no céu. O Senhor inclina-se sobre os humildes para os erguer, como proclama o cântico do Magnificat. Este canto de Maria leva-nos também a pensar nas numerosas situações dolorosas da atualidade, em particular nas mulheres esmagadas pelo peso da vida e pelo drama da violência, nas mulheres escravas da prepotência dos poderosos, nas meninas forçadas a trabalhos desumanos, nas mulheres obrigadas a render-se no corpo e no espírito à ganância dos homens. Possa chegar quanto antes para elas o início de uma vida de paz, de justiça e de amor, à espera do dia em que finalmente se sentirão arrebatadas por mãos que não as humilham, mas com ternura as erguem e as conduzem pelo caminho da vida, até ao Céu. Maria, uma Menina, uma Mulher que sofreu muito na sua vida, faz-nos pensar nestas mulheres que hoje sofrem tanto.

Peçamos ao Senhor que Ele mesmo as conduza pela mão e que as acompanhe pela senda da vida, libertando-as destas escravidões. E agora dirijamo-nos com confiança a Maria, dócil Rainha do Céu, pedindo-lhe: «*Concede-nos dias de paz, vigia sobre o nosso caminho, faz com que vejamos o teu Filho repleto da alegria do Céu*» (Hino das segundas vésperas).

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2015**

**1.** Gosto de apreciar esta bela imagem e de acompanhar esta difícil viagem de Maria, que se põe a caminho, com toda a pressa de chegar ao seu destino! Agraciada pela surpresa de uma maternidade divina, Maria não se fica, por casa, a contemplar-se, orgulhosa de si, no espelho das suas virtudes! A “*Senhora da prontidão*” (EG 288) faz-se portadora do evangelho vivo, Jesus Cristo, traduzindo-O em palavras de saudação, em gestos de ternura e em obras de caridade! Naquele abraço de duas mulheres grávidas já não vemos apenas a “visitação de Maria a Isabel”, mas Deus que visita o seu povo, em Seu Filho Jesus! Por isso, a alegria desta visita, no termo da viagem de Maria, é mesmo “*a alegria do evangelho, que enche o coração e a vida daqueles que se encontram com Jesus*” (EG1).

**2.** Estamos a meio do mês de agosto, o mês de todas as pressas e partidas, mês de viagens, de idas e regressos, de migrações e peregrinações, de visitas e encontros inesperados! Há, dentro de cada pessoa, uma necessidade vital de partida e de saída para fora de si mesmo, um desejo profundo de ir mais longe, de chegar mais além. O desafio espiritual é fazermos estas viagens, com aquela *pressa* de Maria, por levar Cristo aos outros, sempre prontos a oferecê-l’O aos outros, em palavras que salvam, em gestos de ternura e em obras de caridade.

3. Mas talvez mais. Estas nossas viagens de saída, no desejo de ir sempre mais longe, de tocar o belo e o infinito, mostram-nos que o mundo inteiro não chega, para habitar a nossa alma! Somos peregrinos de uma meta, que é o céu, a vida eterna. Por isso aspiramos a galgar o infinito, a chegar ao coração de Deus. E também aí Maria é sinal de esperança e de consolação para o caminho: Ela já chegou ao coração de Deus, onde o amor é mais forte do que a morte! E agora, Maria é Estrela que nos guia, em direção à meta de todas as viagens: o encontro com Cristo, que nos faz exultar e estremecer de alegria!

**homilia na solenidade da assunção 2014**

Não tenho a pressa de Maria, que corre ligeira sobre os montes! Mas prometo uma viagem curta, nestas breves palavras, que são também de notícia, ou de saudação e de carícia, de confiança e de esperança renovada!

**1.** Irmãos e irmãs: A figura da Mulher, desenhada na primeira leitura, é uma atualíssima imagem da Igreja de Jesus, perseguida, neste início do século XXI, mais do que na primeira perseguição dos finais do século I, durante a qual foi escrito o belo livro do Apocalipse, como um clarão de esperança, na grande noite dos tempos! A cauda do “dragão cor de fogo”, símbolo do mal destruidor, lançou-se, com toda a força sobre a terra. E não poupa os cristãos do Iraque, da Síria, da Líbia! Lá, como em tantos países, onde não é respeitada a liberdade religiosa, a Igreja “*grita com as dores e ânsias da maternidade*”. Neste contexto, nós precisamos de rezar por quem sofre, de sofrer por quem reza, como um estímulo a vivermos a nossa fé, como uma luta, e não como um luxo de fim-de-semana, descartável.

**2.** Irmãos e irmãs: O mesmo texto coloca, sobre o negro cenário da perseguição, a certeza luminosa da vitória final de Deus e do domínio do seu Messias. Muitas vezes, essa vitória não tem expressão, no tempo de agora, mas já começou com a ressurreição de Cristo e será definitiva, na nossa ressurreição, em Cristo. Coragem!

**3.** Maria já fez esta viagem, na terra, do berço de Belém à Cruz de Jerusalém! Nesta viagem, Ela chegou da terra ao céu. E agora, “como Mãe, Maria é sinal de esperança, para os povos que sofrem as dores do parto, até que germine a justiça. Ela oferece-nos a carícia da sua consolação e diz-nos: «*Não se perturbe o teu coração. Não estou aqui eu, que sou tua Mãe?*» (cf. E.G. 286) E nós talvez possamos responder em oração: “*Maria, Nossa Senhora da prontidão (E.G.288), «vela por nós, fica à nossa beira. É bom ter a esperança como companheira»*” (D. A. Couto).

**Homilia do Papa Francisco, 15 de Agosto de 2013**

«A Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que há de se consumar no século futuro, *assim também na terra brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senh*or» (ibid., 68).

À luz deste belíssimo ícone de Nossa Mãe, podemos considerar a mensagem contida nas Leituras bíblicas que acabamos de ouvir. Podemos nos concentrar em três palavras-chave: *luta, ressurreição e esperança*.

1. A passagem do livro do Apocalipse apresenta a visão da luta entre a mulher e o dragão. A figura da mulher, que representa a Igreja, é por um lado gloriosa, triunfante, e por outro ainda se encontra em dificuldade. De fato, assim é a Igreja: se no Céu já está associada com a glória de seu Senhor, na história enfrenta constantemente as provações e desafios que supõe o conflito entre Deus e o maligno, o inimigo de todos os tempos. E, nesta luta que os discípulos de devem enfrentar – todos nós, todos os discípulos de Jesus devemos enfrentar esta luta -, Maria não os deixa sozinhos; a Mãe de Cristo e da Igreja está sempre connosco. Sempre caminha connosco, está connosco. Maria também, em certo sentido, compartilha esta dupla condição. Ela, é claro, entrou definitivamente na glória do Céu. Mas isso não significa que Ela esteja longe, que esteja separada de nós; na verdade, Maria nos acompanha, luta connosco, sustenta os cristãos no combate contra as forças do mal.

2. A segunda leitura fala da ressurreição. E o mistério da Assunção de Maria em corpo e alma também está inteiramente inscrito na Ressurreição de Cristo. Ela estava totalmente unida com Ele na morte, e por isso foi-Lhe dado o dom da ressurreição. Ela é a primeira entre os redimidos que chegou ao Céu.

O Evangelho sugere-nos uma terceira palavra: *esperança*. A esperança é a virtude daqueles que, experimentando o conflito, a luta diária entre a vida e a morte, entre o bem e o mal, creem na Ressurreição de Cristo, na vitória do Amor. Escutamos o canto de Maria, o Magnificat: é o cântico da esperança, é o cântico do Povo de Deus no seu caminhar através da história. É o cântico de muitos santos e santas, alguns conhecidos, outros – muitíssimos – desconhecidos, mas bem conhecidos por Deus: mães, pais, catequistas, missionários, padres, freiras, jovens, e também crianças, avôs e avós; eles enfrentaram a luta da vida, levando no coração esperança dos pequenos e dos humildes. Maria diz: «A minha alma engrandece ao Senhor» - hoje a Igreja também canta a mesma coisa, e o canta em todas as partes do mundo. Este cântico é particularmente intenso, onde o Corpo de Cristo hoje está sofrendo a Paixão. Onde está a Cruz, para nós cristãos, há esperança, sempre. Se não há esperança, nós não somos cristãos. Por isso gosto de dizer: não deixeis que vos roubem a esperança. Que não vos roubeis a esperança, porque esta força é uma graça, um dom de Deus que nos leva para frente, olhando para o Céu. E Maria está sempre lá, próxima dessas comunidades, desses nossos irmãos, caminhando com eles, sofrendo com eles, e cantando com eles o Magnificat da esperança.

Queridos irmãos e irmãs, unamo-nos com todo o coração a este cântico de paciência e de vitória, de luta e de alegria, que une a Igreja triunfante com a Igreja que peregrina, ou seja, nós; que une a terra com o Céu, que une a nossa história com a eternidade, para a qual caminhamos. Assim seja.

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA 2013**

**1.** Abraão era, no passado domingo, a grande figura de proa, elogiado entre os nossos maiores, na fé! Uma fé exemplar, que está no início da formação do povo da antiga aliança! Hoje o elogio recai sobre Maria, *a primeira entre os crentes*, cuja fé perfeita dá início ao povo da nova aliança: “*Feliz és tu, porque acreditaste*”! (Lc 1.45)! Exclama Isabel!

**2.** Também Maria nos mereceria hoje os mais rasgados elogios da fé! Mas o calor aperta e, uma vez mais, à boa maneira do Papa Francisco, deixemo-nos inspirar pelas atitudes da fé de Maria, que resumiríamos em três: ***conservar a esperança, deixar-se surpreender por Deus, viver na alegria!***

**2.1. *Conservar a esperança*.** A 1ª leitura apresentava-nos uma cena dramática: uma Mulher – *figura de Maria e da Igreja* – é perseguida por um Dragão – *figura do poder do maligno* – que lhe quer devorar o Filho! Mas Deus intervém e põe o filho a salvo. O “dragão”, isto é, o mal, faz-se presente na nossa história, mas não é o mais forte. Deus é sempre o mais forte, e este Deus maior é a nossa esperança! Pensemos então: quantos perigos e dificuldades na vida de cada um! Mas, por maiores que eles possam ser ou parecer, Deus nunca deixa que sejamos *engolidos* pelas forças do mal! Frente ao desânimo, Maria vem dizer-te: “*Deus caminha a teu lado e nunca te deixará sem forças, nunca te deixará desamparado”!* Portanto, não deixemos que a esperança se apague nos nossos corações! Sejamos luzeiros de esperança!

**2.2.** ***Deixar-se surpreender por Deus*.** Todo aquele que é homem ou mulher de esperança – aquela grande esperança, que nos vem da fé – sabe que, mesmo no meio das dificuldades, Deus está presente, atua e surpreende-nos. Mas é preciso que nos deixemos levar, conduzir, acolher, prender e surpreender pelo seu Amor. Confiemos, portanto, em Deus, como Maria, mesmo e sobretudo nos momentos de prova e obscuridade, mantendo a serenidade e a paz, na base desta certeza da fé: *Só* Deus é fiel ao seu amor, por ti. Ele não te faltará nem falhará. *Espera em Deus, ainda o hás de louvar! “Uma vez que Deus é fiável, é razoável ter fé n’Ele, construir a própria segurança, sobre a sua Palavra”* (LF 23),que nos reserva grandes surpresas!

**2.3. *Viver na alegria*.** Disse alguém que “*quando aceitou a mensagem do Anjo, Maria concebeu «fé e alegria»*” (LF 58). E, mesmo se Maria vive uma gravidez de *alto risco,* ela não deixa de glorificar alegremente o seu Senhor! Na verdade, quando caminhamos na esperança, há uma alegria maior no nosso coração. Por isso, o verdadeiro cristão não pode ser pessimista! Não pode andar triste, como alguém em estado constante de luto! Se estivermos verdadeiramente enamorados de Cristo, e sentirmos o quanto Ele nos ama, então também o nosso coração se “incendiará” da alegria da ressurreição, que contagiaremos aos outros!

**3.** Irmãos e irmãs: Que a nossa fé, como a de Maria, nos faça viver numa esperança firme; sempre confiantes nas surpresas de Deus, e completamente cheios daquela alegria, pronta a servir e a cantar, por toda a parte, as maravilhas do Senhor!

***Adaptada da Homilia do Papa Francisco na Basílica do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida****, 24 de Julho de 2013*

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA 2012**

**1.** Não é ainda o Dragão, em força, no campeonato de futebol, que está para começar! Na linguagem do Apocalipse, o Dragão representa o poder terrível dos imperadores romanos, inimigos ferozes da fé cristã. Este poder parecia fortíssimo, quase ilimitado! A Igreja, ainda uma pequenina comunidade, assemelhava-se então a uma Mulher indefesa, sem possibilidade de sobreviver, e muito menos de vencer! Quem podia opor-se a este poder esmagador, que parecia capaz de tudo? E no entanto, sabemos que, no final, não venceu o ódio; venceu a fé! Venceu a Mulher inerme, a Igreja indefesa!

**2.** A imagem do Dragão fez-se sentir em todas as épocas da história, mas voltou em grande força, nas grandes ditaduras do século passado, tais como as do estalinismo soviético ou a do nazismo alemão. Na recente peregrinação à Polónia, pudemos perceber, mais de perto, sobretudo nos campos de concentração, o requinte de uma crueldade tal, que julgávamos nem sequer ao diabo lembrar. Também aí, e por muito tempo, parecia impossível que a fé pudesse sobreviver, diante de um Dragão tão forte, que queria devorar Deus e o Homem, e destruir a Igreja, que O dá à luz, neste mundo! Mas de facto, também aqui e, por fim, a fé dos mártires resistiu e venceu!

**3.** No coração desta grande luta, pela fé do Povo de Deus, está sempre a figura de uma *Mulher*, que sai vitoriosa do combate! A “*Mulher*”, projetada pelo Apocalipse, é, na verdade, a figura da Igreja que somos: uma igreja, indefesa e vulnerável, que se assemelha a uma barca, a navegar no meio de um oceano de ateísmo, de descrença, de indiferença, com inimigos dentro e fora de portas. A esta Igreja, está prometida a vitória final, no fim de todas as tribulações. Mas, por outro lado, esta “*Mulher*” vitoriosa, de que nos fala o Apocalipse, não é apenas a imagem da Igreja do futuro, ou do futuro da Igreja. Esta Igreja do futuro ou o futuro da Igreja estão já realizados em Maria. Também Ela lutou e caminhou, por este mundo, na fé. E, graças à sua fé, moveu montanhas, até subir, corajosamente, com o Filho, ao monte do Calvário. Nesta fé, Maria permaneceu firme, esperando contra toda a esperança. Por isso mesmo, terminado o percurso da sua vida terrena, Maria, sempre unida ao Seu Filho na vida e na morte, participa, já e agora, com todo o seu ser, na Sua vitória pascal! Em Maria já se realizou a ressurreição, por que todos esperamos!

**4.** Não é, pois, de estranhar, que nos lugares, onde se tornou mais dura e sangrenta a luta, pela fé, contra o dragão enganador, a figura de Maria resplandeça em todo o seu esplendor, como “*sinal de consolação e de esperança*” (LG 68). Vimos, por exemplo, na Polónia, como o ícone da Virgem Negra, ou o de Nossa Senhora de Calvária, ou mesmo a imagem de Nossa Senhora de Fátima, foram inspiradoras daquela vitória, que vence o mundo: a nossa fé! Vimos, por exemplo, em Nowa Huta, uma comunidade inteira edificar uma igreja, pelas próprias mãos, à imagem de uma *“Arca do Senhor”*, na qual se entrava, para se ficar a salvo do naufrágio do ateísmo, no meio de uma cidade, que tinha sido construída, como modelo de uma sociedade sem fé e sem Deus!

**5.** Também hoje, o ateísmo prático, de uma vida sem Deus, em que Deus já não conta para nada, ameaça devorar a fé dos cristãos. No Ano da Fé, olhemos ainda mais, para esta vitória da fé de Maria, a fim de fortalecermos a nossa fé! Voltemos a esta Arca de salvação, ou barca de navegação, que é a Igreja, em maré de descrença! Lá do alto, Maria é Estrela que nos alenta e guia! Nos momentos incertos e de tempestade, Ela tranquiliza-nos, com a sua mão materna! Por isso, às portas do Ano da Fé, *“à Mãe de Deus, «feliz porque acreditou», confiemos este tempo de graça*” (PF 14).

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO 2011**

**1.** *“Mulher, é grande a tua fé”!* Ouvíamo-lo ainda ontem, da boca de Jesus, a respeito de uma certa cananeia! Hoje o elogio da fé, parte de uma idosa mulher e volta-se para Maria, a mais bela judia, a «*bendita entre todas as mulheres*», «*feliz porque acreditou*» (Lc 1,45)! Estão aqui, na fé, *(e mais uma vez, na fé de uma mulher)*, as raízes da sua Páscoa antecipada, que celebramos nesta Solenidade da Assunção!

**2.** Que nos diz afinal a fé da Igreja, sobre o mistério da Assunção? Diz que, no final da sua vida terrena, Maria foi levada (ou elevada), de corpo e alma ao Céu. Ou seja, Maria participa com toda a sua vida, e com todo o seu ser, na glória da vida eterna! Ela vive já na comunhão completa e perfeita com Deus, por meio de Seu Filho, Cristo Ressuscitado. Maria já vive aquilo que nós proclamamos, como esperança, no final do Credo: "*Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir*"…

**3.** Fique, todavia claro, que ao falar da assunção ao "céu", a fé da Igreja não se refere a este, como um lugar qualquer do universo, uma estrela ou algo de semelhante. Com a ideia ou imagem do "céu", queremos afirmar que este Deus que se fez próximo de nós, não nos abandona, nem sequer na morte e para além da morte! Ele concede-nos a eternidade. No coração de Deus, existe um lugar, para nós! Em Deus, no seu pensamento e no seu amor, não sobreviverá unicamente uma "sombra" de nós mesmos, (uma qualquer parte de nós) mas nele, no seu amor criador, nós somos conservados e introduzidos, com toda a nossa vida, de dor e de amor, com todo o nosso ser! Nada daquilo que nos é precioso e querido cairá em ruínas, mas encontrará a sua plenitude em Deus. É o seu Amor que vence a morte e nos confere a eternidade! E é a este amor, mais forte do que a morte, que designamos na bela palavra e imagem do "céu"!

4. Esclarecido este ponto da nossa esperança, voltemos ao princípio, e perguntemo-nos agora mais claramente: onde estão as raízes desta vitória sobre a morte, desta Páscoa prodigiosamente antecipada em Maria? As raízes estão, de facto, na fé da Virgem de Nazaré, como testemunha a cena do Evangelho (cf. *Lc* 1, 39-56): uma fé que é obediência à Palavra de Deus e abandono total à iniciativa e à obra divina, segundo quanto lhe é anunciado pelo Arcanjo. Por conseguinte, a fé é a grandeza de Maria, como proclama alegremente Isabel: Maria é "bendita entre as mulheres", "bendito é o fruto do seu ventre", porque é "*a Mãe do Senhor*", porque acredita e vive de maneira singular a "primeira" das bem-aventuranças, a bem-aventurança da fé! Pela fé, Maria tornou-se a primeira cristã, aquela que vive só de Cristo, com Cristo, em Cristo e n’Ele, para Deus. Pela fé, Maria nunca viveu só, nem para si; não morreu só, nem para nada. Pela fé, esperou contra toda a esperança! E mesmo, na mais funda desolação, não estava só. De facto, quem crê nunca está só! Nem na vida, nem na morte, e muito menos, desde aí daí, na vida nova da ressurreição.

**5.** Queridos amigos: não nos limitemos hoje a admirar Maria, no seu mundo de glória, como se fora um génio feminino, distantíssimo de nós! Não. Em Maria, Assunta ao Céu, nós contemplamos a realização plena de uma criatura humana, segundo o modelo de Deus, obra concluída, segundo "o novo mundo de Deus". E tornamo-nos assim peregrinos e construtores daquilo mesmo que esperamos e vemos já realizado em Maria! Repletos desta alegria, que nos vem da fé, e neste dia da Páscoa de Maria, saibamos vislumbrar, desde já, a beleza desse mundo novo, no meio das lutas e tramas da vida de cada dia e, nesta certeza, possamos viver, acreditar, esperar e amar, sem desfalecer, como Maria. Amém!

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2010**

**1.** Agosto é o mês de todas as pressas e partidas, por atalhos desconhecidos ou caminhos já corridos; por ares e mares, nunca dantes navegados! Mês de viagens, de idas e regressos, de peregrinações, de visitas e encontros inesperados! Há, dentro de cada pessoa, uma necessidade vital de partida e de saída para fora de si mesmo, um desejo profundo de ir mais longe, de chegar mais além, de sair de si e dos confins da sua própria casa. O mundo é afinal a nossa casa de férias! Mas nem o mundo inteiro nos chega, para habitar a alma! Pois ela aspira a ultrapassar todas as fronteiras, a galgar o infinito, a chegar ao coração de Deus. Para aí encontrar a sua morada, aí respirar, repousar e viver definitivamente.

**2.** No meio deste mês de agosto, assim rasgado e atravessado por tantos caminhos, - alguns, sem saída - a Igreja celebra precisamente a Solenidade da Assunção de Maria. Deste modo, põe-nos diante da meta última e definitiva da nossa vida e mostra-nos, por ponde há de passar, e aonde há de chegar o nosso caminho, iniciado no Batismo! A meta é sempre a vitória definitiva sobre a morte. A meta é a nossa participação plena na ressurreição de Cristo. Maria terminou já, em grandeza e beleza, o curso e o percurso da sua vida. "*Terminando o curso da sua vida terrena foi levada e elevada à glória celeste, e exaltada pelo Senhor, como Rainha do Universo*" (LG 59).

**3.** Maria é assim a primeira criatura ressuscitada com Cristo! Ela é acolhida pelo próprio Filho, naquela *"morada*", que Ele mesmo preparou, com a sua morte e ressurreição (cf. Jo 14, 2-3). E deste modo, Maria pode mostrar-nos a meta definitiva e indicar-nos também a rota segura e a reta direção do nosso caminho! Isso mesmo, nos era sugerido pelo evangelho: Maria “*pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa, para a montanha"*, para visitar Isabel (Lc 1, 39). Maria, a partir da Anunciação, corre e percorre uma nova vereda, empreende imediatamente um caminho, fora de si, e da própria casa, deixando-se conduzir unicamente por Deus! Ela corre a toda a pressa, uma vez que “*a graça do Espírito Santo não comporta lentidões*" (Sto. Ambrósio). Toda a nossa vida, como a de Maria, há de ser, portanto, marcada por esta "*pressa sagrada*", em que Deus é a prioridade e a meta, nada mais devendo causar pressa na nossa existência! Maria, da Anunciação à Assunção, mostra-nos que todo o nosso caminho de fé é uma escalada valente de superação e de saída de si mesmo, numa contínua ascensão ou elevação para Deus! Entre lutas e gemidos, não sucumbiremos definitivamente, no nosso caminho: Deus ajuda-nos, atrai-nos e guia-nos para Ele!

**4.** Queridos irmãos e irmãs: «*A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa*» (*[Spe salvi](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_po.html)*, 49). Mas, entre os astros que nos indicam a rota, está Maria, a Estrela do Mar, que nos orienta para o seu Filho Jesus, que é o *"Sol erguido sobre todas as trevas da história*" (cf. [*Spe salvi*](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_po.html), 49). Ela nos conceda a esperança de que podemos vencer, na certeza de que Deus venceu e que nós, com o nosso Batismo, entramos nesta vitória.

Ó Grande Virgem, resplandece, nesta Hora, como sinal de consolação e de esperança segura, para este teu povo peregrino!

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 2009**

*Concluído o percurso da sua vida terrena, Maria foi elevada ao céu em corpo e alma!*

Maria, elevada ao céu, não é uma espécie de astronauta, todo-poderosa, em viagem espacial, nem a Estrela, de maior brilho, perdida em qualquer galáxia do firmamento. Tão pouco é a Bela adormecida, em sonhos de princesa e fantasia. O céu, em que a sua vida agora se projeta, é o próprio Deus, no seu imenso mistério de amor. Doravante, o céu está aberto para nós, o céu não está vazio, o céu tem um coração… de Mãe!

*Elevada em corpo e alma à glória do céu, com Deus e em Deus*, realiza-se, primeiro em Maria, a ressurreição prometida a todos nós; Maria antecipa, em toda a sua beleza, o nosso futuro definitivo; indica-nos assim a pátria, atira o nosso olhar e dirige os nossos pés, a toda a pressa, para a meta derradeira de toda a nossa peregrinação terrena: a vida eterna!

Elevada «*em corpo e alma*», Maria é, assim, a figura antecipada e realizada da vocação eterna de cada um dos filhos de Deus: todo o nosso ser *(espírito, alma e corpo)*, está destinado à plenitude da vida, do amor e da paz, na comunhão com Deus. E não é preciso fazer muita coisa, para chegar aí. Nem milagres, nem acrobacias de santidade. Basta deixar, com humildade, Deus entrar na nossa vida e fazer em nós e por meio de nós a obra que é sua. Maria mostra-nos a vida bem-aventurada de uma criatura humana, inteiramente voltada para Deus. Ela mostra-nos que quem vive e morre no amor a Deus e ao próximo, será, por fim, transfigurado, à imagem do corpo glorioso de Cristo ressuscitado!

É isto que Nossa Senhora proclama eternamente, mediante o mistério da sua Assunção. Ao vermos Maria, ressuscitada em Cristo, podemos esperar e confiar nesse futuro, que é dom de Deus; podemos caminhar pela luz da nossa fé, que vence o mundo e prosseguir, na graça do amor, sempre mais forte do que a morte. O amor de Deus sai vencedor, sobre todos os poderes destruidores da alma humana. A Páscoa de Maria faz dela sinal de esperança e de confiança, para todo o povo peregrino!

Para nós, caríssimos irmãos e irmãs, a luta por essa vitória, permanece no coração da história. Mas, Maria, Rainha do céu, não abandonou a Terra, que pisamos! Porque está com Deus e em Deus, Maria está pertíssimo de cada um de nós, no âmago do combate da fé. Quando estava na terra, Maria de Nazaré, podia somente estar perto de algumas pessoas. Estando em Deus, que nos é mais íntimo a nós do que nós a nós próprios, Maria está próxima de cada um. Mãe de Cristo, Maria participa no poder de Seu Filho, na sua bondade e proximidade, que é fonte de vida e esperança para todos. Do Paraíso, Nossa Senhora continua a velar sobre os seus pobres filhos de Eva, sempre, e especialmente nas horas difíceis da prova! Podemos, por isso, confiar sempre, e em toda a parte, toda a nossa vida a esta Mãe, que foi elevada às alturas de Deus, para estar mais próxima de cada um de nós!

Neste dia de festa, dêmos graças ao Senhor, pelo dom da Mãe e rezemos a Maria, a fim de encontrar o caminho justo, em todas as horas, todos os dias!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA 2008**

**1.** Não é azul, nem chinês, o Dragão, de que nos fala hoje São João. Na sua época, representava o poder terrível dos imperadores romanos, inimigos ferozes da fé cristã. Este poder parecia fortíssimo, quase ilimitado! A Igreja, ainda uma pequenina comunidade, assemelhava-se a uma Mulher indefesa, sem possibilidade de sobreviver, e muito menos de vencer! Quem podia opor-se a este poder esmagador, que parecia capaz de tudo? E no entanto, sabemos, que no final não venceu o ódio; venceu o amor de Deus! Venceu a Mulher inerme, venceu a Igreja indefesa! E o império romano abriu-se à fé cristã!

**2.** A imagem do Dragão fez-se sentir nas grandes ditaduras do século passado, como o nazismo ou estalinismo. Também aí, parecia impossível que a fé pudesse sobreviver, diante de um Dragão vermelho, tão forte, que queria devorar este Deus, feito Menino, e destruir a Mulher, isto é, a Igreja, que O dava à luz neste mundo! Mas de facto, também aqui e, por fim, o Amor foi mais forte do que o ódio! Apetece-me hoje profetizar: também o Dragão Vermelho, na China, há de um dia ser derrotado, pela força olímpica do Amor!

**3.** Mashoje e entre nós, o Dragão estende também a sua cauda, de modosnovos e diversos. Ele está presente e ativo, de maneira subtil e poderosa, sobretudo nesta cultura da morte, da morte de Deus e da morte do Homem! Ele parece seduzir-nos, com palavras mansas, que gozam hoje de grande publicidade: “*é inútil pensares em Deus; é absurdo observares os seus mandamentos. A vida só vale a pena, se for vivida a pensar em ti mesmo. Só valem o consumo, o egoísmo e a diversão! Isto é que é vida! Assim deves viver*”. Parece-nos quase impossível, opormo-nos a esta mentalidade predominante, com toda a sua força mediática e propagandística! Mas acreditai: Deus é mais forte que o Dragão; vencerá sempre a fé, o amor, a vida! Não será uma vitória, como a esperada pelos atletas dos jogos olímpicos. Para nós “*o imperfeito é a condição;* *a vida, para nós, não é vencer, é amar perdidamente, é dar a vida pelo irmão*”.

**4.** Esta é também a vitória de Maria, celebrada nesta festa da Assunção. Ela não obteve nenhuma medalha de ouro, nos jogos olímpicos; simplesmente está coroada de Doze estrelas, na fronte, por ter assumido e vencido, no seu papel de **Mãe de Cristo e Mãe da Igreja.** Na sua Assunção, Maria diz-nos agora: «*Olhai: a minha vida era dom de mim mesma. E agora esta vida perdida, de entrega e serviço, alcança a verdadeira vida: a vida eterna, a vida plena, a vida repleta de sol, circundada pela luz de Deus! A vida não se conquista, tomando-a para si, mas oferecendo-a e multiplicando-a, pelos outros*»!

**5**. Não resisto, apesar do calor, a ler-vos parte do testemunho de uma mãe e jornalista, que se preparava, para dar à luz o terceiro filho. Escreve assim no seu blogue: «Quando, nas últimas semanas, disse a três pessoas distintas que até gostaria de ir ao terceiro filho, fui surpreendida por uma reação chocada, transida, quase de nojo até: "*Outro?! Credo!!! E tinhas outro filho para quê?*"». E responde a própria: «Já tenho dois filhos e não sei dizer, com segurança, porque é que gostava de ter mais um. Eles tomam-me muito tempo, dão-me muito que fazer, fazem demasiado barulho, portam-se consideravelmente mal, riscam-me o sofá, moem-me a paciência. Mas são a minha melhor obra, e se calhar sou do género artista insatisfeito». Bem interessante é a descrição que faz a seguir da “senhora”, que lhe fizera tal observação: «Uma das pessoas, que me deitou esse olhar, é uma grande amiga. Moderna, culta, inteligentíssima. Com ela, nunca posso falar dos meus filhos. Sinto-me uma sopeira. Depois de lhe dizer à mesa do restaurante, "*os meus miúdos estão tão queridos, estão a passar uma fase giríssima*", ela endireita-se na cadeira, como se me pedisse que baixasse o tom de voz. E é vê-la a alta velocidade a mudar para o tema, esse sim interessantíssimo, da minha carreira, que novas histórias fiz, que reportagem, que aventura vivi, que figuras públicas conheci recentemente». Continua a jornalista, ainda e sempre a falar como mãe: «O que me chateia nisto é esta ideia de que ter filhos é incompatível com uma vida profissional, como se uma mulher com filhos ficasse imediatamente catalogada como uma matrona de tempos idos, uma espécie de dona de casa ideal, relegada para o fogão»! E conclui assim: «É possível que, como democracia recente, estejamos a viver a era das carreiristas. Só elas, as mulheres tipo *Sexo e a Cidade*, só essas têm interesse. Espero que este país cresça depressa. Um dia destes passo-me e tenho mesmo mais um filho” (Sónia Morais Santos, In Corta-Fitas)

**6.** Aqui fica, para este tempo, um testemunho, que encarna, ao vivo, a figura da *«Mulher que estava para ser mãe e gritava com as dores e ânsias da maternidade»*! Nesta mãe jornalista, espelha-se a figura da Mulher, que luta contra o dragão da cultura dominante da morte, do egoísmo, da autopromoção! Mulheres assim, ao jeito de Maria, provam-nos quanto o amor é mais forte, do que qualquer dragão, seja ele da moda, da opinião, da revista ou da televisão! Por fim, o amor vencerá! Maria é o sinal antecipado e realizado dessa vitória da vida e da ressurreição!

**Homilia na Assunção de Nossa Senhora 2007**

A tradição cristã colocou, no meio do verão, uma das festas marianas mais antigas e sugestivas: a solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria: assim como Jesus ressuscitou dos mortos e subiu à direita do Pai, também Maria, depois de concluir o percurso da sua existência na terra, ressuscitou com Cristo e foi (e)levada ao Céu. A Assunção é, neste sentido, a festa da Páscoa de Maria. Esta festa foi sempre muito sentida pelo povo cristão, desde os primeiros séculos do cristianismo.

**1.** No essencial, - caros irmãos e irmãs, a Assunção recorda, afinal, um mistério que diz respeito a cada um de nós, porque todos nós, como Maria, havemos um dia, de ressuscitar com Cristo e de aspirar, em cada dia, às coisas do alto. Ora, como afirma o Concílio Vaticano II, Maria, ao participar já plenamente da Ressurreição de seu Filho, "**brilha como sinal de esperança segura e de consolação para o Povo de Deus peregrino**" ([LG](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html), 68). De facto, na Mulher, vitoriosa e resplandecente de luz, de que falava o Apocalipse, reconhecemos Maria e n’Ela a imagem da Igreja. Por isso, no seu triunfo pascal, o povo cristão, peregrino na história, entrevê já o cumprimento das próprias expectativas e o sinal seguro da sua esperança. Dito, por outras palavras, em Maria já se cumpriu a ressurreição prometida a todos nós. Ela caminha connosco e vai à nossa frente e atrai-nos, deste mundo, para a comunhão eterna com Deus.

**2.** Sim, Maria é, para o povo de Deus peregrino, “**sinal de esperança segura e de consolação**” **já no tempo presente**, o tempo da luta e do combate. Diante do Dragão, o inimigo, a figura do mal que sempre nos persegue, esta Mulher que é Maria, e é ao mesmo tempo figura da Igreja, parece indefesa e vulnerável. E realmente Deus é vulnerável no mundo, porque é o Amor, e o amor é sempre vulnerável. Contudo, Deus tem o futuro nas suas mãos; é o amor que vence e não o ódio; no final é o Príncipe da Paz que vence!

Esta é a grande consolação contida no dogma da Assunção de Maria: na luta «contra o Dragão», contra o mal, Maria encoraja-nos a não desanimar diante das dificuldades e dos problemas inevitáveis de todos os dias. Garante-nos a sua ajuda e recorda-nos que o essencial consiste em buscar e aspirar às "*coisas do alto, e não às coisas da terra*" (cf. Col. 3, 2). Disto temos a certeza: do alto, Maria acompanha os nossos passos com doce trepidação, alenta-nos nos momentos incertos e de tempestade, tranquiliza-nos com a sua mão materna. Por isso, mesmo se vivemos entre numerosas dificuldades quotidianas, não devemos perder a serenidade e a Paz.

**3.** Mas – queridos irmãos – Maria é ainda “**sinal de esperança segura e de consolação**” relativamente ao que nos está prometido, quanto ao nosso **futuro definitivo em Cristo,** uma vez que na Assunção contemplamos o mistério da passagem definitiva de Maria deste mundo para o Paraíso. Neste sentido, este mistério da Assunção constitui para todos os crentes uma ocasião útil para meditar acerca do sentido verdadeiro e sobre o valor da existência humana, na perspetiva da eternidade. É afinal o Céu a nossa habitação definitiva.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: arrebatados, quantas vezes, pelas preocupações diárias, corremos o risco de considerar que se encontra aqui, neste mundo, onde só estamos de passagem, a derradeira finalidade da existência humana. Ao contrário, o Paraíso é a verdadeira meta da nossa peregrinação terrena. E como seriam diferentes os nossos dias, se fossem animados por esta verdade de fé. Hoje, há quem viva como se nunca tivesse que morrer, ou como se tudo terminasse com a morte; alguns comportam-se considerando que o homem é o único artífice da sua própria sorte, como se Deus não existisse, chegando algumas vezes até a negar que haja espaço para Ele no nosso mundo. O facto é que os grandes sucessos da técnica e da ciência, que melhoraram notavelmente a condição da humanidade, deixam contudo sem solução as perguntas mais profundas do coração humano. Sem Deus e sem esperança de vida eterna, a nossa vida não passaria de uma paixão inútil e de uma desgraça completa.

**5.** Ao contemplar Maria, na glória celeste, compreendemos que também para nós esta Terra não é a pátria definitiva e que, se vivermos voltados para os bens eternos, um dia partilharemos da sua mesma glória e também a Terra se tornará mais bela. Amparados por esta certeza da fé e da esperança, prossigamos confiantes pela via do amor cristão. Continuemos, sob a guia de Maria, a nossa vida, como povo peregrino. E louvada seja na Terra, a Virgem Santa Maria, quer nas horas de tristeza, quer nas horas de alegria!

**HOMILIA NA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA 2006**

**1.** A festa da Assunção é um dia de alegria. Deus venceu. O amor venceu. Venceu a vida. Mostrou-se que o amor é mais forte do que a morte. Que Deus tem a verdadeira força e a sua força é bondade e amor. Maria foi elevada ao céu em corpo e alma: quer dizer, também para o corpo existe um lugar em Deus. Para nós, o céu deixa de ser uma esfera distante e desconhecida, porque no céu, temos uma Mãe. O céu está aberto, o céu tem um coração!

**2.** No Evangelho, ouvíamos, mais uma vez, o Magnificat, esta grande poesia pronunciada pelos lábios e pelo coração de Maria, inspirada pelo Espírito Santo. Podemos dizer que este cântico é um verdadeiro retrato de Maria. Gostaria de realçar apenas e só um pormenor.

**3.** Este cântico de louvor inicia-se com a palavra "***Magnificat*"**: a minha alma “glorifica” o Senhor, ou seja, a minha alma "**engrandece**”, **proclama e reconhece como é grande** o Senhor. Maria deseja que Deus seja grande no mundo, seja grande na sua vida, esteja presente entre todos nós. Não teme que Deus possa ser um "concorrente" na sua vida, que lhe possa tirar algo da sua liberdade, do seu espaço vital, com a sua grandeza. Ela sabe que, se Deus é grande, também ela é grande. A sua vida não se sente oprimida, mas elevada e alargada: justamente se torna grande no esplendor de Deus.

**4**. A maior tentação da época moderna, foi pensar e acreditar que, afastando Deus e seguindo somente as nossas ideias, a nossa vontade, nos tornaríamos realmente livres. Mas, **onde desaparece Deus, o homem não se torna grande**; ao contrário, torna-se apenas “o produto de uma evolução cega” e, como tal, pode ser usado e abusado perde a dignidade divina, perde o esplendor de Deus no seu rosto. Somente, **se Deus é grande, o homem também é grande**.

**5. Apliquemos isto à nossa vida**. Com Maria devemos começar a entender que é assim. É importante que Deus esteja presente, na nossa vida diária, pública e privada; porque somente se Deus está presente, temos uma orientação, uma estrada comum. Tornemos então grande Deus na nossa vida.

Neste tempo de férias, tornar Deus grande, começará por coisas muito simples: dêmos, por exemplo, mais espaço a Deus, todos os dias, na nossa vida, acordando e começando o dia, com uma oração de entrega e de confiança ao Senhor. Mantenhamos, ao longo do dia, um espírito de ação de graças e de louvor, pelos dons imensos da vida, da criação e da salvação, que estão ao nosso dispor. No passeio, na praia, no campo e na montanha, não percamos de vista Criador de todas as coisas, a quem é devido o nosso louvor. No nosso programa de férias, ou na nossa semana de trabalho, dêmos ao Senhor, sem reservas, o dia que lhe pertence, fazendo da Eucaristia “o coração do domingo”! Tenhamos, pois, esta certeza: Não perdemos o nosso tempo livre, se o oferecermos a Deus. Se Deus entra no nosso tempo, todo o tempo se torna maior, mais amplo e mais rico.

Neste dia de festa, dêmos graças ao Senhor, pelo dom da Mãe e rezemos a Maria, para que Ela nos ajude a encontrar todos os dias, na Terra, o caminho justo, para chegar ao Céu!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA 2005**

Eis-nos a celebrar o dia da Páscoa de Maria, em pleno Ano da Eucaristia! “Se quisermos redescobrir em toda a sua riqueza a relação íntima entre a Igreja e a Eucaristia, não podemos esquecer Maria, Mãe e modelo da Igreja” (Ecc. Euc. 53), dizia-nos o Grande Papa João Paulo II. E a Palavra de Deus ajuda-nos hoje a meditar alguns aspetos dessa relação.

**1º.** **Maria, primeiro sacrário da História**

Contemplemos, a partir do evangelho, o mistério da Visitação! Maria, que estava para ser Mãe, dirigiu-se apressadamente para a montanha ao encontro de sua prima Isabel. Ela “leva no seu ventre o Verbo encarnado”, o seu Filho e Filho de Deus, o seu Jesus «escondido». “De certo modo Maria serve de «sacrário» – o primeiro «sacrário» da história –, para o Filho de Deus! Maria revela-se, neste passo, como verdadeira «arca da aliança» que guarda, no seu seio o Filho de Deus e que, ao abrir-se, no-l’O oferece à nossa contemplação. Alias, ainda invisível aos olhos dos homens, Jesus «escondido», presta-Se já à adoração de Isabel, como que «irradiando» a sua luz, através dos olhos e da voz de Maria (cf. Ecc. Euc. 55)! A presença escondida de Jesus, no seio de Maria e à adoração de Isabel reportam-nos para o mistério da Eucaristia! Também aí, Jesus, ainda que escondido aos olhos da Carne, nos move à caridade para com o próximo e nos comove para a adoração, de Jesus, fonte da nossa alegria!

**2º. O espírito de louvor de Maria, verdadeira atitude eucarística** (cf. Ecc. Euc. 58)

Na sequência da Visitação, ouvimos depois o *Magnificat*, o mais belo cântico de ação de graças, entoado por Maria. Ora é precisamente com este mesmo espírito de louvor e de ação de graças que todos nós, na Eucaristia, nos unimos plenamente a Cristo e ao seu sacrifício. De facto, como o cântico de Maria, também a Eucaristia é primariamente louvor e ação de graças. Quando Maria exclama: «a minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador», Maria traz no seu ventre Jesus. Louva o Pai «por» Jesus, mas louva-O também «em» Jesus e «com» Jesus. É nisto precisamente que consiste a verdadeira «atitude eucarística» (cf. Ecc. Euc.58): louvor e ação de graças ao Pai, por tudo quando Ele nos fez, por meio de seu Filho, pela graça do Espírito Santo!

**3º. A Eucaristia, realização antecipada da profecia do *Magnificat***

Atendamos, para além do espírito de louvor, a algumas das, palavras de Maria. Ela glorifica o Todo-poderoso, precisamente porque “derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes”. Eis-nos diante de mais um interessante aspeto da relação entre Maria a Eucaristia. Este mistério de humildade e de pobreza é particularmente denso e expressivo na Eucaristia. Cada vez que o Filho de Deus Se torna presente, entre nós, na «pobreza» dos sinais do pão e do vinho, é lançado no mundo, o gérmen daquela história nova, que verá os poderosos «derrubados dos seus tronos» e «exaltados os humildes» (cf. Lc 1, 52).

**4º. A Eucaristia, um pedaço de céu, na companhia de Maria**

Mas diríamos mais: no Magnificat, Maria canta aquele «novo céu» e aquela «nova terra», que nos são dados, por antecipação, na Eucaristia. Ao celebrarmos o sacrifício de Cristo, unimo-nos àquela liturgia celeste, associamo-nos àquela multidão imensa, de que nos falava o Apocalipse e que grita: «Agora chegou a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus». “A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho” (Ecc. Euc. 19).

Assim, a Eucaristia, pondo-nos em comunhão com a multidão dos Anjos e dos Santos, põe-nos também na companhia maravilhosa de Maria, elevada aos céus! Queremos a companhia de Maria? Procuremo-la na Eucaristia. Quem procura a Eucaristia, encontra e recebe Maria! Pois se a Eucaristia é a memória viva da Paixão e da Ressurreição do Senhor, nela recebemos como fruto, do sacrifício da Cruz, Maria, que ali nos é dada como Mãe! Não por acaso, nós celebramos sempre a Eucaristia, na esperança da vida eterna, «em comunhão com a bem-aventurada Virgem Maria».

**5º. Maria e a Eucaristia, caminhos convergentes**

Em conclusão, a **Eucaristia e Maria**, não são vias paralelas ou concorrentes, da nossa liturgia ou da nossa devoção pessoal. São dois caminhos convergentes, para aprendermos, como Maria, no seu Magnificat (cf. Ecc. Euc. 58), a louvar o Pai, com Jesus, por Jesus, em Jesus. Termino, realçando esta ligação entre Maria e a Eucaristia, com uma prece antiga e popular, que me chegou, pela via da tradição oral e que reza assim:

Salve, Rainha, Rosa divina,

Cravo de Amor, Mãe do Senhor!

Dai-nos juízo e entendimento

para receber com alegria

o Santíssimo Sacramento!

**Homilia na Assunção de Nossa Senhora 2004**

**1.** Era esta primeiro, e nas terras do sol nascente, no Oriente antigo, a festa da “**dormição**” de Maria. A ternura da fé dos primeiros crentes quis representar o fim da história de Maria, numa espécie de encantamento da Filha do Rei, da **Bela Adormecida**. A «**Dormição**», apontava para a ideia de que a Virgem, uma vez isenta de pecado, não teria experimentado, por consequência, a morte como «fim», mas como «acabamento», sem o peso da «derrota» ou da «infâmia», tão só como «adormecimento», do qual se desperta e acorda para a Ressurreição. E, nesse sentido, por vontade de Deus, não teria também sofrido a «corrupção do túmulo» (Prefácio da Missa) tal a força transfiguradora da Ressurreição, que assumira e tomara o seu corpo, para o tornar glorioso**.** Neste sentido, a Festa da Dormição era e continua a ser, para os orientais, a Festa da Morte de Maria, do seu adormecimento, pelo qual a Virgem Maria acordara vitoriosa para a vida plena.

**2.** Ao definir como Dogma, em 1950, a **Assunção** da Virgem Santa Maria, a Igreja Católica, pela voz de Pio XII, “acordou” Maria, desse estado de “**dormição**”, para acentuar e celebrar a sua “**Páscoa gloriosa”**. “Completado o (per)curso da sua vida terrena, Maria foi elevada em corpo e alma ao Céu” (Pio XII). Mais do que poupada à morte, Maria é restituída à vida. A “Assunção” não é, senão a “Páscoa” de Maria, criatura que primeiro e por inteiro aparece associada à vitória pascal do Senhor Jesus. Ela ressuscitou – diríamos com São Paulo - como primeira entre “os que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda” (I Cor.15,23). E a sua Páscoa serve-nos, a todos, de sinal, de promessa e de garantia de que, como ela, em Cristo, todos seremos restituídos à vida (I Cor.15,22). Ao afirmar esta comunhão plena de Maria com a Páscoa de seu Filho, a Igreja projeta sobre cada um dos seus filhos, um clarão de esperança, um sinal do futuro vitorioso em Cristo. Nesse sentido ela um “sinal de consolação e de esperança para o Povo peregrino” (Prefácio da Missa).

**3.** Este privilégio concedido a Maria, faz dela «um grande sinal» (Ap 12,1), um **sinal de esperança e de alegria,** para todo o Povo de Deus, que peregrina ainda pela terra, em luta com o pecado e a morte, no meio de perigos e dificuldades, qual Mulher que está para ser Mãe e é atacada pelo Dragão “que lhe quer devorar o Filho” (Ap 12,4). A vitória da Mulher, já alcançada em Maria, é sinal de vitória prometida à Igreja.

Com efeito, a **Mãe de Jesus**, glorificada em corpo e alma, é imagem e início da Igreja, que há de consumar-se no futuro (LG 68). “Ela é a aurora e a imagem da Igreja triunfante” (Prefácio da Missa), porquanto o seu triunfo, enquanto Mãe e filha da Igreja, será o triunfo da Igreja toda, quando juntamente com a humanidade atingir a glória plena. Quer dizer, Maria está e vai à nossa frente. Acompanha os nossos passos, mostrando-nos, na linha do nosso horizonte de esperança o fim glorioso da Igreja. Nela vemos já realizado o que todos somos chamados a ser. A ser, desde já, e a ser eternamente.

**4.** “Por isso, toda a Igreja tem os olhos postos em Maria. Devido aos inúmeros santuários marianos espalhados por todas as nações do continente, a devoção a Maria é muito viva e generalizada entre os povos europeus” (Ecc. Euc. 124). João Paulo II visita hoje o de Lourdes, para assinalar os 150 anos do dogma da Imaculada Conceição. Deste modo, o Papa reitera o convite: “Igreja na Europa: continua a contemplar Maria, reconhecendo que Ela está «presente como Mãe e participa nos múltiplos e complexos problemas que hoje acompanham a vida dos indivíduos, das famílias e das nações », e é o «auxílio do povo cristão, na luta incessante entre o bem e o mal, para que não caia ou, se caiu, para que ressurja” (Eccl. Euc. 124; cf. Red. Mater 52)

**5. Irmãos e irmãs, filhos de Maria:**

“Aquela que gerou e deu à Luz o autor da Vida ” (Ibidem), ajudar-nos-á também a vencer o adormecimento do tempo presente e a acordar para a Vida, que sempre irrompe vitoriosa sobre todos os sinais da morte. Essa é uma vitória que podemos, desde já celebrar e cantar, com as suas magníficas palavras: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador (…) O Todo-Poderoso fez em mim, maravilhas; santo é o seu Nome!» (Lc 1,46-47.49).

**Homilia na Assunção de Nossa Senhora 2003**

**1.** Também Maria corre apressadamente para a montanha. Não já nem ainda para fugir da perseguição, mas desta feita, para caminhar em direção a uma cidade de Judá. Maria peregrina, possuída por um dom e por uma alegria, que não lhe cabem nas mãos, nem lhe poupam os pés. Ela carrega no seu ventre o fruto bendito do amor do Pai. Ela move-se numa explosão de amor, que lhe arde no peito como um fogo. Sua prima lê-lhe à tona dos olhos como que as impressões digitais do Verbo de Deus. Como se Jesus, ainda invisível aos olhos dos Homens, irradiasse já a sua Luz, através dos olhos e da voz de Maria» (cf. Ecc. Euch.n.55). Isabel esbarra depois num louvor que faz estremecer João Batista de alegria. Porque Maria é, por excelência, a “mulher de fé” a mover montanhas.

**2.** Maria responde ou corresponde com um magnífico hino de louvor: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva, de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações»…

Neste hino de louvor está toda a História de Maria e nela a história de todos os pobres e simples, de todos aqueles a quem Deus ama e salva, preferencialmente, num abraço de redenção.

A história de Maria não é uma história de sucessos. Mas é sobretudo e já a manifestação do poder de Deus, que faz maravilhas em favor do seu povo, e que nos chamará a todos um dia à participação na Páscoa de seu Filho, a começar por aqueles que o mundo rejeita ou não aprecia.

Maria sentiu nela a carícia e o amor benfazejo de Deus. E o seu Filho, uma vez ressuscitado, atrai agora para o Pai Aquela que um dia lhe dera por Mãe. Livra-a do poder fatal da morte. Glorifica a sua existência, com o dom da vida eterna; coroa a sua luta com a força da sua vitória pascal, sobre o pecado e a morte.

A Assunção de Nossa Senhora é assim a festa da Páscoa de Maria.

\* Festa do Filho Jesus Ressuscitado, que dedica e aplica a sua vitória pascal, em primeiro lugar a sua Mãe.

\* Festa da Mãe, que se deixa alcançar pela vitória pascal do Filho e vê coroada de glória a sua penosa peregrinação terrestre.

\* Festa da Igreja que vê ir à sua frente e chegar à glória do Céu, o seu membro mais ilustre, a mais bendita entre todas as mulheres, porque a mais simples e humilde serva do Senhor. Na sua vitória, alarga-se a esperança para toda a Igreja.

**3.** Situada esta Solenidade da Assunção, entre estes dois domingos, em que escutamos excertos do longo Discurso do Pão da Vida, podemos, por fim, recordar como este Magnificat de Maria nos pode também inspirar na vivência da Eucaristia.

“De facto, - diz o Sto. Padre - como o cântico de Maria, também a **Eucaristia é primariamente louvor e ação de graças**. Quando Maria exclama: « A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador », Maria traz no seu ventre Jesus. Louva o Pai «por» Jesus, mas louva-O também «em» Jesus e «com» Jesus. É nisto precisamente que consiste a verdadeira «**atitude eucarística**».

Recebemos o dom da Eucaristia, para que a nossa vida, à semelhança da de Maria, seja toda ela um *Magnificat*!” (cf. Ecc. Euch. 58). Um culto de louvor e ação de graças, ao Senhor nosso Deus.

**Homilia na Assunção de Nossa Senhora 2002**

XXX Semana Nacional das Migrações – I

**1.** *“Sinal de consolação e de esperança para o vosso povo peregrino*”! Assim é reconhecida e proclamada a Virgem Santa Maria, no louvor eucarístico da Igreja, ao celebrarmos este dia solene da sua Assunção. A Igreja vive, dia a dia, a sua difícil peregrinação neste mundo, de olhos postos na Pátria definitiva, na esperança dos “novos céus e da nova terra”. E a Igreja caminha, entretanto, entre povos, no meio de lutas e de dores, mas na esperança firme da vitória de Deus, na certeza de um dia finalmente cantar vitória: «Agora chegou a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus e o domínio do seu Ungido»... Até ao dia desta vitória, e até quando Deus for tudo em todos, a Igreja não há de nunca tirar os olhos do Céu, como horizonte eterno e esperança do seu próprio caminhar.

**2.** E é nesta contemplação do Céu aberto sobre o mundo, que a Igreja encontra em Maria, um «sinal grandioso»! A Igreja vê em Maria “a Mulher que grita com dores e ânsias da maternidade”, vendo-se a si mesma, dando, num mundo hostil e adverso, sempre pronto a «devorar-lhe o Filho» Jesus Cristo, seu Senhor, que ela dá.

Mas a Igreja vê em Maria, não apenas a imagem dessa luta tenaz e terrível, como vê também a promessa já cumprida da vitória final de Deus. Maria torna-se, então, para a Igreja, a imagem do seu presente de luta e do seu futuro de vitória, como se em Maria, elevada ao Céu, se espelhasse o êxito da sua própria missão. Por isso, ela se torna, no peregrinar do Povo de Deus, «um sinal de consolação e de esperança». É o que havemos de ser!

**3.** Maria é, aliás, apresentada, pelos evangelhos, como mulher peregrina, e hoje precisamente vemo-la «a caminho, dirigindo-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá». É uma espécie de migração, ditada pela necessidade alheia da sua velha prima mas igualmente pelo desejo íntimo de Maria em partilhar a alegria do seu ventre, Jesus. Maria é bem recebida por Isabel, não tanto pelo pão, que podia trazer no saco, mas pelo dom da fé que ela testemunha, de coração. «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor», exclama Isabel, sua prima. O diálogo entre as duas tem um motivo religioso. E coloca Deus no centro deste encontro.

**4.** Migração e Diálogo inter-religioso é o tema proposto para esta Semana dos Migrantes e Refugiados. E o Santo Padre lembra a urgência e a necessidade deste diálogo, num mundo que se tornou uma pequena aldeia, de mais de 150 milhões de migrantes, onde é preciso aprender a viver e a conviver na diferença, sem cair na indiferença. Este diálogo, deve levar cada um de nós, «não a esconder, mas a exaltar o dom da fé»! «Como poderíamos ficar com esta riqueza só para nós»? Se Deus nos colocou entre pessoas de diferentes religiões, e é nosso dever dar-lhes o Pão, porque lhe haveríamos de negar o maior tesouro que possuímos? «Com o pão material, é indispensável não descuidar a oferta do dom da fé, pelo testemunho de vida e no respeito por todos»! (Mensagem, n. 4).

Também aqui Maria nos ensina. Ela mexe os braços para garantir «o pão nosso de cada dia». Mas o que a faz andar das pernas é a partilha da sua fé e da sua alegria. É esta a estrada do diálogo e do abraço para este Povo peregrino!

**Homilia na Assunção da Virgem Santa Maria 2001**

**1.** Maria a correr! E a correr apressadamente, em direção a uma cidade de Judá! Não é a primeira nem a última vez que Maria sai de casa e se move em terra estranha. Virá ainda a fuga para o Egito, terra de refúgio e de regresso, deserto para onde foge com medo de lhe devorarem o Filho. As subidas a Jerusalém, o seguimento no rasto das pisadas de seu Filho, o caminho do Calvário, e possivelmente o fim dos seus dias em Éfeso, dão-nos a imagem de uma Virgem peregrina, de lado para lado, de terra em terra. De facto, o evangelho não esconde a constante mobilidade da Virgem Santa Maria.

**2.** São as suas andanças frequentes, mas são sobretudo sinais de uma longa caminhada, de uma peregrinação constante na vida de Maria. Trata-se de uma peregrinação mediante a fé, em que, Maria, sem ver nada, fiada na Promessa, acompanha e segue os passos de seu Filho. Segue-O mesmo quando nada de novo se faz sentir. Acompanha-O mesmo quando todos se cansam de O seguir. Também a visita à prima Isabel manifesta sobretudo o desejo de partilhar o segredo do mistério que a possuía. E mesmo que as necessidades da velha prima a movessem na corrida, era sobretudo o anúncio de Cristo, seu Filho, que a fazia deitar os pés ao caminho. Maria sabia que «o *anúncio de Jesus é o primeiro ato de caridade para com a pessoa, para lá de qualquer gesto, mesmo de generosa solidariedade*» (Mensagem do Papa para o 87º Dia Mundial dos Migrantes, 2001, n. 7).

**3.** Podemos olhar para a Mãe do Senhor e contemplar n’Ela a imagem da Virgem Peregrina. E, nessa luz, prestar especial atenção ao fenómeno da mobilidade humana. Em visita turística ou em estudo, de passagem ou em trabalho, refugiados ou exilados, emigrantes ou imigrados, cada vez mais o mundo é uma aldeia global. E até nós, que nos habituámos, desde há séculos, a partir, defrontamo-nos com os que nos procuram, vindos sobretudo de África e mais ainda dos chamados Países de Leste. Tudo isto nos oferece boas oportunidades e, simultaneamente, perigosos riscos. É bom que, cada vez mais, com esta mobilidade humana, aprendamos o sentido do provisório, na certeza de que somos sempre estrangeiros e peregrinos na Terra (Heb.11, 13). Mas, por outro lado, com tanta mudança e sem lugar fixo, corremos o risco de andar sempre atrás da novidade, insatisfeitos, sem estabilidade interior. O contacto com outras e novas gentes, de costumes e religiões diversas, lá como cá, torna o nosso espírito mais curioso, prepara-nos para o diálogo, e até podia levar-nos a aprofundar as nossas convicções e a compreender as razões da nossa fé. Mas tão facilmente podemos cair naquela de que tudo é relativo e vale o mesmo. Assim o que podia constituir uma possibilidade de abertura, de encontro, de agregação, conduzir-nos-á muitas vezes ao desenraizamento, a uma acentuada solidão e dispersão no anonimato.

**4.** Ao celebrarmos hoje a Assunção de Maria, contemplamos o seu caminho e divisamos a Pátria que ela já alcançou. Contemplando-A temos a certeza de que, entre atalhos e caminhos, o Senhor nos conduz a Ele. Sabemos, por Ela, que chegaremos a «bom porto»... e que Ela sempre nos guiará no caminho da Pátria definitiva. Por isso, está à nossa frente como «sinal de consolação e de esperança para este povo peregrino» (Prefácio da Missa da Assunção). Que Ela nos ajude a encurtar distâncias e a oferecer Cristo a todos quantos encontrarmos nos caminhos da Vida.

**Homilia na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria 2000**

1. Uma Mãe em apuros! Maria, a Virgem surpreendida pela gravidez, ainda assim não se demora na queixa feminina dos seus problemas, ou no sonho estéril das suas soluções. Apressa-se a ir ao encontro da prima Isabel, mulher como ela, capaz de a acolher naquela primeira hora de espanto e preocupação. As duas, tomadas de maravilhamento, mas nem por isso de aflição, entendem-se num simples abraço de caridade. Fogem da conversa fiada e falam, desde o seu íntimo, a mesma linguagem, que é a do amor e, por fim, a do louvor! E deixam que no meio esteja a virtude do Espírito Santo, pelo qual o Filho de Deus se fez Homem no seio da Virgem Maria. Ele está entre as mulheres! E no meio de nós!

2. Neste espírito, também Isabel, esquecida das complicações da sua provecta idade, exalta Maria pelo fruto bendito do seu ventre: Jesus. As suas palavras proféticas são primeiramente uma bênção, um louvor. Entre todas as mulheres, Maria é a, seus olhos, especialmente querida por Deus, que fez dela a Mãe do «Bendito» por excelência: o Messias. Por seu lado, Maria tirando os olhos de si, dos seus méritos e preocupações, atira-os para o Todo-Poderoso. Ela canta então o seu Magnificat, orientando todo o seu louvor para o seu Deus e Senhor. Glorifica-o porque, na sua misericórdia, chega até nós e vem ter connosco, a começar pelos mais humildes e pelos pobres.

3. Maria e Isabel não se perdem na lamúria do apuro em que se deixaram envolver. Mas espantam-se maravilhadas pelos desígnios do Senhor! Assim, “o episódio da Visitação convida a Igreja a participar com e como Maria e Isabel no louvor a Deus, pela forma humana com que ele desce até nós e inicia com os humildes a renovação da História[[1]](#footnote-1)”. De facto, o que uma e outra celebram e exaltam é esta proximidade de Deus, que, por amor de nós, se fez Homem no seio da Virgem Maria! E isto - o mistério da Encarnação – parece-lhes, de longe, mais importante do que a ligeira aflição do momento presente! É este mistério de um Deus tão humanamente próximo que elas louvam e comungam na mesma alegria!

4. Ao celebrar os dois mil anos da Encarnação do Filho de Deus, - diz o Santo Padre - “a nossa alegria jubilar não seria completa se o olhar não se voltasse para Aquela que, com plena obediência ao Pai, para nós gerou na carne o Filho de Deus. Chamada a ser a Mãe de Deus, Maria viveu plenamente a sua maternidade, desde o dia da conceção virginal até achar o seu coroamento no Calvário aos pés da cruz. Lá, por dom admirável de Cristo, Ela tornou-Se também Mãe da Igreja, a todos indicando a estrada que conduz ao Filho” [[2]](#footnote-2).

Maria - caríssimos irmãos - continua a ser esta Mãe em apuros! Continua, desde aquela hora, ao nosso lado, como “Aquela que está para ser Mãe”, como Mãe da Igreja e figura (modelo) da Igreja-Mãe. Maria acompanha a Igreja, no seu processo constante de dar à Luz o Filho de Deus. Ela sente connosco as agruras do nosso caminho, as dificuldades da peregrinação da Igreja sobre a Terra. Ela “grita com dores e ânsias de maternidade” neste mundo sempre pronto “a devorar-lhe o filho”. De facto, ela intercede pela humanidade, para não fazer o jogo do "dragão" que, com a "cauda, arrastou um terço das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra" (Ap 12, 4). Mas, uma vez «salva das garras do dragão», liberta do poder da morte, Maria é a certeza antecipada da nossa vitória.

5. Ela faz-nos crer que no meio dos apuros em que vivemos, não devemos desesperar. Estamos salvos, por um amor que tudo vence! E que desde que o Filho de Deus nasceu no ventre da Virgem Maria, afinal estamos todos a salvo no seio de Deus!

**Homilia na Assunção de Nossa Senhora 1999**

“Apareceu no Céu um sinal grandioso: Uma Mulher revestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés»”. Diz o livro do Apocalipse. A Lua encobriu o Sol, para um beijo às escondidas. E foi grande acontecimento: o eclipse!

Eclipse do sol e apocalipse no céu. Ou se quiserem, o escondimento envergonhado do astro-rei e a revelação gloriosa da «Rainha do céu». De uma ou de outra forma, fomos e somos, de repente, convidados a erguer a cabeça para cima e a abrir os olhos para o Além. O fenómeno natural do eclipse teve a força de pôr a terra inteira a olhar para o Céu, alargando os nossos olhos para novos horizontes sem fim. Vimos a nossa pequenez, eclipsada pela altura do nosso sonho. E a festa sobrenatural de hoje, a Assunção ou a Páscoa de Maria, traz-nos a graça da imagem luminosa de uma criatura, de uma «Mulher, revestida de sol». Um sinal grandioso que não traz a ameaça de castigo, o medo da morte ou a notícia do fim, mas a prémio da vitória, a promessa da vida e a boa nova do amor eterno.

Maria, a Mãe de Jesus, depois do eclipse breve da sua morte, não viu os céus desabarem sobre a sua cabeça. Antes, diz o Apocalipse, tem «a lua debaixo dos pés». Participa da vitória, do poder, e da realeza do seu Filho. Vê a partir de cima, porque está ao lado d’Aquele que «está acima de todas as coisas». Antes porém, Ela, como nós, travou a luta e o combate, para não perder o Filho. Pois «quem não tem o Filho, não tem a Vida» (I Jo 5,12). Fez-se peregrina no meio da noite, pôs-se a caminho e fugiu para o deserto, na espera vigilante da luz. «A Virgem Maria avançou pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à Cruz» (LG 58).

É aí, no caminho da nossa peregrinação, que a Terra se faz deserto, é aí que a cauda do dragão e o veneno da serpente, estendem os seus tentáculos e deixam o rasto maligno da sua passagem. Nesse sentido, a peregrinação de Maria cruza-se com a nossa peregrinação. «A Igreja é o novo Israel que percorre o deserto e faz esta peregrinação mediante a fé» (RM 25). É de cá de baixo, da terra, que teremos de contar com o perigo. Porque do Céu, do alto, virão sempre sinais de esperança. E o maior de todos é Maria. Ela brilha na Igreja, como «a aurora e a imagem da Igreja triunfante, sinal de consolação e de esperança para o Povo peregrino» (Prefácio de Nossa Senhora III). Ela sim, ressuscitada com Cristo e vitoriosa sobre toda a espécie de mal, traz-nos a certeza da boa-nova do mundo que há de vir. É como se n’Ela Deus pintasse o nosso futuro, de glória e de luz. A assunção de Maria é o eclipse de toda a desgraça sobre o mundo e o apocalipse da esperança sobre toda a Terra!

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 1998**

1. «*Salve, Rainha. Mãe de Misericórdia. Vida, doçura, Esperança nossa, salve*»!... Esperança nossa, salve! Com esta saudação, o povo de Deus, sem quaisquer sinais prometedores de um futuro risonho, voltava-se para a Mãe de Deus. Ao longo da história, [do mundo e da Igreja], mergulhados, quantas vezes, nesse vale de lágrimas, sem perspetivas de melhores dias, os fiéis erguiam os olhos para o Alto e fixavam o seu coração «na estrela de mais brilho nesses céus»: Maria, Mãe da nossa esperança. E nós, no dealbar do novo milénio, degredados filhos deste século, queremos «contemplar Maria, Mulher da esperança, que soube acolher, como Abraão, a vontade de Deus “esperando contra toda a esperança” (Rom 4,18)» (TMA, 48)...

2. Mas que lugar para a esperança... num tempo em que o próprio futuro do planeta parece hipotecado pelo desconcerto egoísta dos Homens?! Que lugar para a esperança... quando o homem desconfia tanto do Homem e das suas promessas, quando até o nosso próximo mais próximo se tornou a nossa ameaça mais terrível? Que lugar para a esperança, quando este mundo parece entregue à sorte de poderosos «dragões» (por sinal, cor de fogo!), forças maléficas, dotadas de tão poderosos meios? E nós, em Igreja, atirados para o deserto, sem defesa, sem armas à altura do desafio?!

3. É, neste tempo de tanto pessimismo e derrotismo, que a esperança há de nascer. Não como ilusão das nossas capacidades. Mas como Dom divino, semeado no coração humano. Não já aquela esperança, que se baseia nos bons resultados, nos números promissores, nas boas previsões, mas aquela esperança que vem do alto: que se funda na fidelidade de Deus! Esperaremos então aquilo que o mundo não nos pode dar e esperamos mais do que aquilo que o mundo nos possa oferecer: a própria vida de Deus. «O que os nossos olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não alcança, isso Deus preparou para aqueles que o amam» (I Cor.2,9). Tal esperança não assenta, portanto, na probabilidade de cálculos otimistas ou de previsões de melhoria. A nossa esperança não se apoia nas forças humanas e nos méritos do progresso, mas no socorro da graça do Espírito Santo. «Conservemos firmemente a esperança que professamos, pois é fiel Aquele que fez a promessa» (Heb 10,13). Esperamos, pois, mais que o futuro que se espera. Porque sabemos que, no mundo, há algo maior que as nossas forças, energias que não se veem nem preveem em nossas análises, cálculos e estatísticas.

4. Maria, a Mãe de Jesus, nesta hora, em que gememos e choramos, é o exemplo vivo desta virtude da esperança. Em toda a sua Vida, Maria soube esperar, contra toda a esperança. Quer dizer, sem sinais extravagantes que lhe garantissem o que quer que fosse, Ela acreditou e esperou o seu Filho com inefável amor. E, ao longo da sua Vida, aprendeu a segui-lo, na dor, sem nenhuma humana recompensa, a troco de nada. E, chegada à Cruz, é despojada de todas as seguranças e certezas. Mesmo aí, na hora em que Deus parecia ter-se esquecido da sua aliança, Maria soube manter a firmeza da fé e abandonar-se inteiramente Àquele que lhe fizera a Promessa. O silêncio de Deus preenchia o silêncio de Maria. E, por isso, ao chegar o fim dos seus dias, a Ela, que nunca desesperara da sua sorte, foi-lhe dado o prometido: a ressurreição, a plena comunhão de Vida e amor. Para sempre unida a seu Filho, na Páscoa da Vida eterna. De modo que, na sua «assunção» o nosso futuro está garantido. E a Promessa de Deus tem já o seu sinal.

5. Nesta imensa travessia do deserto, a Igreja divisa em Maria o seu próprio futuro. A glória de Deus não assenta sobre as ruínas das suas criaturas. Mas espelha-se no Homem Vivo. Maria permanece assim como «sinal de consolação e de esperança para o Povo Peregrino». Bem podemos cantar-lhe hoje e sempre: «Salve, rainha. Esperança nossa, salve»...

**Homilia na Solenidade da Assunção de Nossa Senhora 1997**

Pé ligeiro e cabeça erguida, que é longo o caminho e grande a meta. Maria não tem tempo a perder. Ela não pode calar a alegria do Filho que nasce e cresce bem dentro de si. E, por isso, corre apressadamente. Derruba as barreiras da montanha, onde o risco espreita e a noite é medonha. Atraída pelo amor, vence todos os obstáculos do caminho. É bem maior o desejo de comunicar a Boa Nova de seu Filho do que difícil a estrada que vai dar à cidade desejada...

Adivinharemos, pelo caminho, o desafio do deserto, com a seca aridez que sempre oferece ao viandante. Poderemos até vislumbrar a luta difícil, aí travada, com todas provas de resistência, medidas até ao limite. E, Maria, lá vai. Ao encontro daquela que havia de receber com enorme alegria a visita da Mãe do seu Senhor...

Leio este passo da Escritura, com os olhos postos em Paris, o coração do continente europeu. Para essa metrópole, desde há séculos, encruzilhada de povos, arte e cultura... (n. 1) caminham apressadamente, nestes dias de calor e aventura, mais de um milhão de jovens cristãos, vindos de todas as partes do mundo. Ali vão eles hoje, para se reunir com o Papa, atraídos pelo amor de Cristo... Eles, os homens do século que está para chegar, perguntam: «Mestre, onde moras»? (Jo 1,38-39). Porque a esperança de encontrar o Sentido Único da Vida e o desejo de atingir a meta última da história, são a única coisa pela qual vale mesmo a pena caminhar. O cristão, peregrino do Infinito, não pode suportar horizontes estreitos e imediatos. Por isso, caminha apressadamente, pelo deserto deste mundo, à procura da cidade eterna, na mira da pátria feliz do amor...

No caminho difícil desta peregrinação, as barreiras da superficialidade e do medo, são talvez as mais difíceis de transpor. Enormes «dragões, cor de fogo», poderosas forças do mundo, assaltam-nos no caminho. E lutam dentro de nós, para nos tentar ao abandono da fé, para arrancar de dentro de nós a Vida Nova do Filho de Deus. Mas o deserto da luta e da prova não é o termo final do nosso caminho. Já agora, sinais grandiosos de consolação e de esperança, são colocados à nossa frente. Primeiro, Cristo, cuja vitória sobre a morte nos enche de esperança. E, depois, unida a Ele Maria, sua Mãe.

Maria, a Mãe do Senhor, é um sinal de consolação e de esperança para o povo peregrino. Porque Ela, tendo completado o percurso da sua vida terrena, participa já da glória da ressurreição. Nela se completou primeiro o que em todos nós começou: a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus. Nela se desenha e se cumpre o nosso futuro de homens novos, ressuscitados em Cristo. Em Maria, a história de uma criatura peregrina, tem um acabamento final de glória e de luz. Nela se vê que a meta não é uma falsa miragem de ilusão. Mas uma promessa que se há de cumprir. Nela resplandece já o que todos havemos de ser. Maria está connosco e vai à nossa frente.

Vamos todos, entre montanhas e pelo meio das cidades, ao encontro do Senhor. Porque «é dentro dos caminhos da existência quotidiana que O podemos encontrar» (n. 2). Vamos, por Maria a Jesus. Porque “na casa onde mora Jesus, encontraremos a presença dulcíssima de sua Mãe” (n. 10). Para lá caminhemos, pé ligeiro e cabeça erguida!

**Homilia - Sermão na Assunção da Virgem Santa Maria 1996**

Feliz Aquela que acreditou! Maria é feliz! Por todas as gerações, Maria é a Mulher feliz, proclamada ditosa, Rainha do Céu, ornada do ouro mais fino!

**1.** Fizemos de Maria uma estátua de gesso, mas ela não nasceu com um vestido branco, uma faixa azul e um sorriso congelado. Maria brilha com uma luz que não vem dela e não se detém nela. É, sim, atravessada, como se fosse um vitral que faz cantar a Luz e no-la transmite viva e gloriosa. É por isso necessário compreender o desfecho glorioso da sua história, a sua assunção, perscrutando bem do princípio ao fim, toda a sua história interior, toda a sua peregrinação da fé. Maria, como cada um de nós, teve de caminhar penosamente, na ânsia e na dor. A sua vida, como a de todo o discípulo, realiza-se primeiro na luta da fé e só depois se cumpre na glória da visão.

**2.** É exatamente pela fé que Maria é feliz. Feliz por acreditar. Feliz, não pela sorte de um caminho fácil nem pelo acaso de uma vida cheia de certezas e de sucesso. É feliz, porque «acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor». Maria é feliz, pela entrega obediente ao Pai e pela espera paciente da realização de tudo quanto o Senhor lhe prometera. Vamos tentar segui-la neste caminho da fé, procurando meditar como «verdadeiramente avançou a Virgem Maria pelo caminho da fé, mantendo fielmente a sua união com o Filho até à Cruz» (LG 58).

**2.1** Na verdade, **desde a anunciação**, Maria foi feliz. Feliz, porque, sem a garantia de nenhum sinal e sem a prova de nenhuma evidência, ela aceitou o dom da surpresa e soube esquecer-se do seu projeto, dando corpo e alma a um sonho maior do que ela: a encarnação do Filho de Deus. Foi feliz. Não pelo «privilégio» de ser a «mãe», mas porque, sem cálculos e sem prudência, arriscou tudo sem pedir nada. Um «sim» que havia de comprometer toda a sua história... um «sim» diário e quotidiano, mesmo quando a cor e a hora dos dias não mudavam de rosto só por ser ela a Mãe do Filho de Deus.

**2.2.** A **prima Isabel** percebera bem a grandeza deste passo**.** E por isso proclama-a bem-aventurada. Feliz, por este abandono sem troco, por esta rendição sem contrato. Porque Deus vencera nela! Nela tudo era obra da graça e do querer de Deus!

**2.3.**E será assim logo depois, no **nascimento do Filho.** A alegria da Virgem Mãe não escondia a exigência da fé. Um Filho nos braços, que não traz na fronte o selo de nenhuma garantia do alto, que ri e chora, tão frágil como o comum dos mortais, é um mistério que ela acolhe, sem dizer nada. Que ela crê e espera. Permanece queda e calada... Ele era afinal tão de carne e osso como os outros, que só pela fé Maria podia ali entrever o rosto luminoso da glória de Deus. Viu e acreditou. Foi feliz, porque acreditou!... Sem ver.

**2.4.** E acreditou, mesmo quando um **velho sábio** lhe augurou uma espada de dor e lhe proclamou a alegria de ter entre os braços o Salvador do Mundo. Maria não se deixou perturbar. Ferida no seu coração de jovem mãe, avança fiada nas promessas do Alto. Mas do Alto, nenhum sinal, nenhuma garantia. Apenas a Promessa...e a luz da sua fé a fazê-la avançar no meio da noite entre dúvidas silenciosas e perguntas caladas...

**2.5.** E acreditou. Acreditou e esperou **nesses trinta anos de silêncio,** com um filho para manter, jovem feito carpinteiro, do Qual afinal se esperava que viesse a ser o Messias! E nada... Maria não forçou a verdade nem apressou a hora. Não se arrependeu do seu primeiro «sim», mas repetia-o sempre e cada vez mais. E era feliz, «guardando e aguardando todas as coisas em seu coração», com fé paciente, mulher desperta e pronta para a «hora de Deus»...

**2.6.** E quando em **Caná** o seu olhar atento dispõe os presentes para a primeira manifestação gloriosa do Filho, ela entra no tempo novo pela porta da fé, para que Evangelho pudesse entrar pela porta da alegria...

**2.7.** **Atrás de Jesus, dia a dia**, sem agenda que ela conhecesse previamente, Maria avança e a sua fé aprofunda-se no silêncio do coração, na entrega obediente, num crescente abandono ao amor. “Mãe e discípula, para ela foi mais importante ser discípula que ser mãe (Sto. Agostinho).

**2.8.** E é na **hora da Cruz** que a obediência da sua fé se constituirá em grande parto de dor. A glória luminosa do Filho passa pela forma da Cruz. E Maria, ali está de pé, sem grito nem protesto. Ela fixa-se em Jesus. Abandona-se às mãos de Deus, sem porquês nem reservas, prestando o pleno obséquio da inteligência e da vontade. Não lhe tinha sido dada nenhuma explicação, nem previsão do domingo a seguir... Ela ali espera contra toda a esperança e ali participa na humilhação do Filho. Entra na partilha do sofrimento pela compaixão. Entra na noite. Deus parecia esconder-se e comprometê-la ainda mais no meio do absurdo: Eis aí o teu Filho, E no instante derradeiro, é vê-la receber o Filho morto, a promessa por cumprir!

**2.9.** Nem seguro, nem promessa, nem sinal. Só a fé podia levantar os braços de Maria para o Alto e fixar os seus olhos nessa **semente de esperança, sepultada num jardim de vida**. Pela fé, Maria vigiou na noite, caminhando para a Luz, qualquer que fosse a escuridão. Era noite escura. E ela avançou firme na fé, esperando nesse beco que havia de ter saída. Esperou até se romper a luz da manhã de Páscoa.

**3.** Foi esta Luz de Páscoa que a abraçou e possuiu por inteiro, corpo e alma, logo ali e no termo da sua vida terrena. A assunção que hoje celebramos é, pois, a Páscoa de Maria.

Associada ao Filho na vida e na morte, Maria participa da glória da Ressurreição. Participa vitoriosa. Participa plenamente. Inteiramente. Como criatura e Mulher. E isto serve-nos de sinal. Sinal eloquente de que Deus não falha. Sinal de que, apesar de tudo o seu desígnio se cumpre. Sinal de que a nossa história não é um beco sem saída, mas uma travessia de esperança... Sinal de que ainda o homem pode acreditar no homem. Sinal de que ao homem é dado o direito de esperar e sonhar em Deus.

**4.** Está connosco, Maria, a Mãe do Senhor:

“Mãe do silêncio,

Mãe da divina ternura,

Virgem Pura!

Senhora sempre sozinha

na longa caminhada

...Espetadora calada”!

M. Eulália Macedo

Não estamos sós! Nela está desenhado o nosso futuro e realizada a nossa esperança. Acreditai e sede felizes!

**Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria**

**15.08.1995 – Ano Internacional da Mulher**

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu salvador, porque pôs os olhos na humildade da sua serva». Eis o cântico de louvor, nascido no coração de Maria. Eis a proclamação gloriosa das maravilhas de Deus que brota nos seus lábios de Mulher, de Virgem e Mãe.

Este é, pois, o cântico de vitória da Mulher. É o grito de libertação da humilde serva, da pobre criatura, da Mulher, tantas vezes e quase sempre esmagada.

Este é o hino de gratidão da Mulher, para quem Deus olhou com benevolência, da mulher que se vê agraciada pelo dom mais feminino: o dom de ser mãe. No espírito e na carne!

Este é o cântico de Maria, a voz de todas e cada uma das Mulheres que exultam em ação de graças. Porque Deus elevou a condição feminina à dignidade ímpar de se tornar a morada do Altíssimo.

Ao ser escolhida como Mãe do Filho de Deus, Maria vê nela reconhecida, da parte de Deus, a dignidade sublime de toda a Mulher. «Grandes coisas fez em Mim o Todo-poderoso», exclama feliz, a bendita entre todas as mulheres. Ao proclamar as maravilhas de Deus no seu coração de Virgem fiel, «trata-se também aqui da descoberta de toda a riqueza, de todos os recursos pessoais da feminilidade, assim como Deus a quis: pessoa por si mesma que se realiza por um dom sincero de si mesma, a mulher acolhe o amor para, por sua vez, amar». (cf. **MD** 11).

Compreendemos então o fundo maravilhoso de toda esta exaltação! Percebemos toda esta liturgia de louvor, encenada neste abraço de duas mulheres. Porque uma e outra celebram no dom da sua maternidade a aceitação do feminino e a sua exaltação por parte de Deus. Sobre uma e outra Mulher, recaiu todo o dom do amor de Deus, um amor recebido para nelas se doar. Um mistério que só as mulheres podem viver e comungar. E por isso ei-las: Maria e Isabel, unidas, a bendizer o mesmo Senhor.

Na verdade, sobre uma e outra mulher, pesava toda uma história de opressão, de inferiorização, de desprezo e exploração pelo feminino, mil vezes repetida ao longo dos séculos. O homem não percebeu que a mulher lhe foi confiada como ajuda, não apenas para agir, mas fundamentalmente para ser e existir como pessoa no amor. (cf**. Carta às Mulheres**, n. 7).

É por toda esta entrega de Maria ao mistério de Deus, que ela acolheu o Filho e viveu a Ele unida na vida e na morte. Unida assim ao Filho na vida e na morte, Maria é a primeira de todas as criaturas a alcançar a plenitude da salvação, a participar plenamente da vida nova da Ressurreição.

Na Assunção de Maria, está assim manifesto que é uma Mulher aquela que vai à nossa frente e nos precede na glória. Por isso, ao reencontrar-se definitivamente com seu Filho na glória, Maria Mãe vê coroado e glorificado o dom feminino da sua entrega, do seu serviço humilde, da sua maternidade. Esta é uma vitória irreversível dada por Deus à Mulher.

A Igreja vê em Maria a máxima expressão do génio feminino e encontra nela uma fonte contínua de inspiração.

Convido cada um de vós a glorificar o Senhor pelo dom de tantas mulheres, famosas e anónimas, de ontem e de hoje, amigas ou esposas, virgens ou mães. Em Maria, exaltada por Deus, acima dos anjos, por tão grande dom do feminino à nossa vida, «a minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador»!

**Sermão na Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria**

**15.08.1995 – Ano Internacional da Mulher**

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu salvador, porque pôs os olhos na humildade da sua serva».

Eis o cântico de louvor, nascido no coração de Maria. Eis a proclamação gloriosa das maravilhas de Deus que brota nos seus lábios de Mulher, de Virgem e Mãe.

Este é, pois, o cântico de vitória da Mulher. É o grito de libertação da humilde serva, da pobre criatura, da Mulher, tantas vezes e quase sempre esmagada. Este é o hino de gratidão da Mulher, para quem Deus olhou com benevolência, da mulher que se vê agraciada pelo dom mais feminino: o dom de ser mãe. No espírito e na carne!

Este é o cântico de Maria, a voz de todas e cada uma das Mulheres que exultam em ação de graças. Porque Deus elevou a condição feminina à dignidade ímpar de se tornar a morada do Altíssimo. Ao ser escolhida como Mãe do Filho de Deus, Maria vê nela reconhecida, da parte de Deus, a dignidade sublime de toda a Mulher.

«Grandes coisas fez em Mim o todo-Poderoso», exclama feliz, a bendita entre todas as mulheres. Ao proclamar as maravilhas de Deus no seu coração de Virgem fiel, «trata-se também aqui da descoberta de toda a riqueza, de todos os recursos pessoais da feminilidade, assim como Deus a quis: pessoa por si mesma que se realiza por um dom sincero de si mesma, a mulher acolhe o amor para, por sua vez, amar». (cf. **MD** 11).

Vemos em Maria, Virgem, Mulher e Mãe, realizada de modo exemplar a vocação fundamental do ser humano: ela recebe todo o amor para, por sua vez, amar. E na mulher, esta vocação de todo a pessoa humana (que é amar e ser amado) realiza-se de modo bem particular: ao acolher o dom de um Filho que lhe é confiado como pura graça, Maria-Mulher revela-se nesta qualidade tipicamente feminina: que é a de acolher a vida como um mistério (cf. **MD** 18).

É, portanto, toda a riqueza do feminino que está aqui a ser celebrada. A maternidade de Maria está ligada com a estrutura pessoal do seu «ser mulher» e com esta dimensão pessoal do dom. «A mulher é aquela na qual a ordem do amor no mundo criado das pessoas encontra um terreno para deitar a sua primeira raiz» (**MD** 29).

Compreendemos então o fundo maravilhoso de toda esta exaltação! Percebemos toda esta liturgia de louvor, encenada neste abraço de duas mulheres. Porque uma e outra celebram no dom da sua maternidade a aceitação do feminino e a sua exaltação por parte de Deus. Sobre uma e outra Mulher, recaiu todo o dom do amor de Deus, um amor recebido para nelas se doar. Um mistério que só as mulheres podem viver e comungar. E por isso ei-las: Maria e Isabel, unidas, a bendizer o mesmo Senhor.

Na verdade, sobre uma e outra mulher, pesava toda uma história de opressão, de inferiorização, de desprezo e exploração pelo feminino, mil vezes repetida ao longo dos séculos. A nossa cultura ocidental viu quase e sempre o dom do feminino como um acessório do masculino. E o homem não percebeu que a mulher lhe foi confiada como ajuda, não apenas para agir, mas fundamentalmente para ser e existir como pessoa no amor. (cf**. Carta às Mulheres**, n. 7). Infelizmente é na Mulher que se concentra toda esta dramática luta entre o amor de Deus e as forças do pecado, que reduzem o amor a um instinto do desejo feminino ou a uma posse do poder masculino (cf. **MD** 18). Mas nesta luta, esta já delineada, desde o princípio ao fim a vitória da Mulher. (cf. **Apocalipse**, 1ª leitura)

É por toda esta entrega de Maria ao mistério de Deus, que ela acolheu o Filho e viveu a Ele unida na vida e na morte. Ela soube emprestar à vida do filho toda «a sensibilidade, intuição, generosidade e constância» (**Carta às Mulheres**, n.º 2) típicas do seu ser feminino. O seu reinar foi servir e o seu servir foi reinar (cf. **Carta às Mulheres**, n. 10). Ela soube servir como mulher, «com liberdade, reciprocidade e amor» (**Carta as Mulheres**. n. 11). Unida assim ao Filho na vida e na morte, Maria é a primeira de todas as criaturas a alcançar a plenitude da salvação, a participar plenamente da vida nova da Ressurreição. Na Assunção de Maria, está assim manifesto que é uma Mulher aquela que vai à nossa frente e nos precede na glória. É para uma Mulher que a Igreja olha como quem contempla o seu próprio futuro. Por isso, ao reencontrar-se definitivamente com seu Filho na glória, Maria Mãe vê coroado e glorificado o dom feminino da sua entrega, do seu serviço humilde, da sua maternidade. O feminino foi acolhido e glorificado em primeiro lugar no mistério da vida nova de Deus. Esta é uma vitória irreversível dada por Deus à Mulher.

Neste Ano Internacional da Mulher, é bom refletir sobre o génio feminino à luz desta Mulher. A Igreja vê em Maria a máxima expressão do génio feminino e encontra nela uma fonte contínua de inspiração.

Convido cada um de vós a glorificar o Senhor pelo dom de tantas mulheres, famosas e anónimas, de ontem e de hoje, amigas ou esposas, virgens ou mães. Em Maria, exaltada por Deus, acima dos anjos, por tão grande dom do feminino à nossa vida, «a minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador»!

**Homilia na Solenidade da Assunção de Maria 1994**

Olhar o Céu, contemplar o futuro. Parece uma necessidade quase louca para reinventar a esperança. Atidos à Terra com um olhar real e sereno, facilmente nos assalta a desconfiança e o descrédito desta Humanidade, neste final de século. Muitos foram os que disseram que olhar para o Céu descomprometia o serviço na Terra. Tempos houve até que para defender o Homem se quis negar Deus. E o homem, emancipado d’Ele, lá foi fiado na sua virtude, desenhar o mapa do futuro.

Mas a experiência lá foi revelando que entregue a si mesmo, o homem se tornara lobo do Homem. A vida humana, rica de mistério e esperança, vê-se hoje reduzida a uma existência efémera, gasta até ao último instante, sem lugar para a beleza, para a transcendência, isto é, sem perspetiva de futuro. Mais grave ainda é que parece chegar a hora de desacreditar no futuro da Humanidade, tantos os sinais de uma cultura da morte, de destruição da vida humana, no que tem de mais belo e profundo. Parece que todos desacreditamos do futuro e dos homens, porque vemos uma humanidade desumanizada, com guerras e lutas destruidoras da vida e do coração humanos. A agonia do mundo pós-moderno retirou ao homem a alegria de viver, ao furtar-lhe toda a esperança. Tudo se passa como se nada mais além se pudesse esperar!

O quadro vivo sugerido pelo Apocalipse representa esta luta e aponta a vitória da vida sobre a morte, revelando-nos desde já, o nosso futuro. O fim é de salvação, de vida, de domínio absoluto do mal, pelo que o mal deixa de ter a última palavra.

Celebrar a Assunção de Maria é abrir-se à esperança. Nela está, em gérmen, a humanidade do futuro último. Nela se espelha já o que havemos de ser um dia, na plena comunhão com Deus, na união com Cristo Ressuscitado. De corpo e alma havemos de experimentar a plenitude de uma vida cheia de alegria e paz. Em Maria vemos já a frágil condição da nossa humanidade entrar na esfera do divino e aí se humanizar plenamente.

Maria, criatura humana, da nossa raça e condição, elevada ao Céu em Corpo e alma, é um sinal de esperança. Afinal o fim da Humanidade não é a desgraça do Homem. Não é a sua destruição. Não é a separação do corpo e da alma, mas a redenção do homem todo e de todos os homens. Em Maria, assunta ao Céu, vemos claramente qual o fim da nossa história: a vitória da vida sobre a morte, da esperança sobre a fatalidade, da plenitude sobre o vazio. A sorte última da humanidade não é um trágico destino. Pelo contrário, espera-nos a Graça de um corpo redimido e de uma alma em festa. Para lá nos atrai Maria, onde se encontra com Cristo ressuscitada para sempre. N’Ela se cumpriu o que para nós está prometido.

Neste vale de lágrimas, não nos faltam razões para a esperança. Hoje é-nos dado o direito de sonhar o Homem novo espelhado no rosto da Mãe, unida ao Filho Ressuscitado. Eis a Assunção, a Páscoa de Maria, a festa da nossa Esperança!... Salve, Rainha. Esperança nossa!

**Solenidade da Assunção de Nossa Senhora A 1993**

**1. Olhar as estrelas!**

De olhar fito no Céu, para uma noite de estrelas. Tempestade no firmamento a subtrair-nos da Terra. Eram os luzeiros celestes a atirar para o Alto os nossos olhos cansados! Foram muitos os que esqueceram o sono, escolheram os lugares do silêncio e da penumbra, para se fixarem na imensidão do Céu. Por momentos, alguma coisa nos conseguiu desenterrar do efémero, libertar-nos da dor, da luta e do quotidiano, para nos elevar às dimensões de um espaço sagrado. Foi um brinde de férias, este que a Mãe Natureza, quis oferecer, dando de mão beijada, um espetáculo de rara beleza. Nisto tudo, sabeis, valeu que os espíritos do mundo olharam um pouco mais para o Céu, contemplaram outras belezas, miraram o Além. Que bom.

**2.Contemplar o Céu!**

E nós, no pico de agosto, em plenas férias de verão, a olhar para cima, também. A elevar o espírito abatido pela luta para as alturas do Céu. São João guia-nos nesta visão, colocando no Céu, a trama de uma Estrela em luta pela Vida. «Apareceu no Céu, um sinal grandioso: Uma Mulher revestida com o Sol e a Lua debaixo dos pés: na cabeça uma coroa de doze estrelas»! Brilha com fulgor e espanto uma Mulher querida e eleita por Deus, por Ele adornada dos melhores dons. Mas fica-nos também estampada a angústia e a luta da Mulher com a figura do dragão: o espírito do Mal, que procura destruir o fruto do ventre desta Mulher. Assustam-nos bem as sete cabeças e os dez chifres. Está aí o sinal da força e do poder do mal que se estende, em cauda, do canto mais humilde das aldeias até aos centros de poder e decisão na Europa das estrelas. A luta da Mulher com o dragão, no Céu, é o espelho já polido da experiência da Igreja, o reflexo sentido da luta na comunidade cristã, que dá a Luz Cristo, no sofrimento e na dor. E no fim de tudo, para animar a nossa esperança, vem-nos a consolação. De olhar o desfecho desta história e vislumbrar o futuro. O futuro é a vitória. No futuro está a Vida, a Vida em plenitude, a coroa das estrelas, no reinado de Cristo, Senhor.

**3. Descobrir Maria: a Estrela de mais brilho nesses Céus!**

Dia da Assunção. Sem estrelas da noite, a Liturgia fixa o nosso olhar na Estrela de mais brilho nesses Céus. Maria, a Mãe de Jesus. Simples e humilde por entre duros caminhos da serra, Ela percorreu o caminho da fé na luta e na dor, na adesão e no risco. Desafiou o mundo com a sua humildade. Viveu com o Filho. Sofreu com Ele. Morreu com Ele na Cruz das suas Dores. Por isso, terminado o percurso da sua vida terrestre, Maria ressuscita com o Filho. A Assunção é a Páscoa de Maria. Maria torna-se a estrela que a Igreja contempla na sua glória, como quem mira o futuro. Uma criatura da nossa pele e da nossa condição recebeu o «óscar», o «prémio», da vitória e da Vida. E nós havemos de ser como Ela.

Em tempo de férias, celebramos a Assunção. Para elevar o espírito. Contemplar o futuro. Olhar para o Céu e ver entre as estrelas a Estrela da manhã. E na assunção de Maria, nutrir a esperança: a angústia e a morte do tempo presente desabrocharão numa Estrela ascendente e vitoriosa de Alegria, Beleza e Vida. No firmamento, há uma Estrela que nos guia e vai à nossa frente. E não há Estrela de mais brilho nesses Céus. É Maria. Mãe da nossa Esperança.

**A Virgem Maria morreu ou não?**

É claro que morreu. Embora durante vários séculos muitos católicos acreditassem que Maria não tinha morrido como as outras criaturas. Que, ao chegar a hora da sua partida deste mundo, ficou adormecida, como num sono profundo e assim foi (e)levada por Deus em corpo e alma ao Céu. E que, por isso, o seu corpo não tinha sofrido a corrupção que qualquer cadáver experimenta. Muitos assim pensavam, porque vendo a morte como consequência do pecado, entendiam então que a Virgem Imaculada não sofreria dessa morte, porque foi concebida sem pecado. Simplesmente todos sabemos que quando falamos daquela «morte» que é consequência do pecado, não nos referimos tanto à morte física ou biológica, mas sobretudo à morte da pessoa, na sua viva relação com Deus e com os outros. Ora se o próprio Filho de Deus morrera, por que não havia de morrer a Virgem Maria, se a morte faz parte natural da condição humana?

Quando em 1950 o Papa Pio XII declarou o dogma da Assunção de Nossa Senhora, a questão da morte de Maria é contornada com alguma habilidade. Diz o texto: “Declaramos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus, terminado o (per)curso da sua vida terrena, foi levada em corpo e alma à glória do Céu». Não diz se morreu ou não. Com isto deixou a questão da morte de Maria por resolver. Foi finalmente João Paulo II quem, em 1997, numa das suas catequeses semanais, se pronunciou sobre esta controvérsia, manifestando que, de facto, a Mãe de Jesus morreu e que por isso experimentou na sua própria carne o drama da morte, como toda a criatura humana. O Papa justificou a sua afirmação com três razões:

**Primeira**, porque toda a Tradição da Igreja sustentou que Maria foi levada ao céu depois de morrer. Querer defender o contrário, é alinhar-se fora do fio comum da doutrina da Igreja.

**Segunda**, o privilégio de «escapar» à morte, poria Maria acima do próprio Filho; o que é impensável.

**Terceira**, porque para ressuscitar é preciso morrer. Sem a morte prévia é impossível a ressurreição. Se Maria não tivesse morrido, como teria podido ressuscitar? De facto, outra coisa não queremos dizer com a assunção: é a Páscoa de Maria. Unida ao Filho na vida e na morte, Ela participa em primeiro lugar da vitória pascal de Jesus e é a primeira entre muitas criaturas, que Deus chama à plena comunhão de vida e amor com Ele. Tudo o que se diga além disto não passa de piedosa imaginação.

**ARTIGO SOBRE A ASSUNÇÃO**

A denominação mais antiga desta Festa é a de “**Dormição de Nossa Senhora**”. Não se trata obviamente de uma representação antecipada da história da “**Bela Adormecida**”, destinada a embalar-nos num sono profundo.

**1. A dormição, quando não se acorda morto, mas se adormece**

**1.1.** Com a ideia da “**Dormição**”, dir-se-ia, de Maria, na fé mais antiga, e num certo sentido, não ter ela experimentado a morte, senão como “adormecimento”. Esta consciência da fé, desenvolvida sobretudo no Oriente, apontava para a ideia de que Maria, uma vez isenta de pecado, não teria experimentado, por consequência, a morte como «derrota» ou «peso», ou «infâmia», ou «aguilhão», mas teria vivido a morte, tão só como «adormecimento», do qual se desperta ou acorda para a Ressurreição. E, nesse sentido, por vontade de Deus, não teria também sofrido a «corrupção do túmulo» (Prefácio da Missa). Esta paridade entre o «morrer» e o «adormecer» não é nova. O próprio Jesus disse, um dia, de uma menina que estava morta: «não morreu; está a dormir» (Mc 5,39), como se tratassem de realidades equiparáveis.

Neste sentido, a Festa da Dormição era e é, para os orientais, a Festa da Morte de Maria, do seu adormecimento, pelo qual a Virgem Maria acordara vitoriosa para a vida plena. Tornou-se, entre os orientais, a festa maior da Virgem Maria, a festa da sua morte, da sua passagem, enfim da sua Páscoa. Recordemos, aliás, que também os Santos são celebrados no dia da sua morte, dia do seu verdadeiro nascimento (“dies natalis”). Não estranharemos que Maria o fosse e o seja também.

**1.2.** Mas, em boa verdade, não era ainda bem este o sentido original da festa, que não tinha sequer o primeiro lugar entre as festas de Maria. Sabemos que, no princípio, o dia 15 de agosto foi uma data festiva não universal e não era reservada à «dormição» de Maria. Houve, de facto, em Jerusalém uma Igreja dedicada à Santíssima Virgem e o dia 15 de agosto era possivelmente a data da sua Dedicação (inauguração). Talvez esta tradição de celebrar a morte da Virgem se apropriasse desta data, que por sua vez, lhe deu o tema litúrgico.

**1.3.** Mais certo, é que a celebração não começou a propagar-se na Igreja senão a partir dos primeiros anos do século VII, quer dizer, desde que o imperador Maurício decretou a celebração universal da “**Dormição de Maria**”. Foi durante o século VII que entrou em Roma, a festa da **Dormição de Maria**, com o Papa Oriental Sérgio I. Só no século VIII esta Festa começou a celebrar-se como Assunção, isto é, como **elevação de Maria ao céu**. No Ocidente, esta festa mariana esteve longe de ser a mais antiga e está bem longe de ser a mais importante.

**2. A Assunção: Acordar ressuscitada!**

Os teólogos da Idade Média, em geral, punham reservas à doutrina da fé na “Assunção de Maria”, uma vez que a primeira menção do acontecimento aparece na literatura apócrifa, isto é, em escritos piedosos dos dois primeiros séculos, mas que nunca foram considerados inspirados e por isso nunca aceites entre os livros da Bíblia.

Hoje, passados séculos de reflexão da sabedoria da fé, sobretudo depois da definição do Dogma da Assunção, falamos deste mistério de maneira mais explícita, mas nem sempre bem entendida. E a prova disso é que, a propósito da definição deste Dogma em 1950, compuseram-se novas orações (uma nova eucologia) e escolheram-se outros textos, para a celebração da Missa, a fim de substituir a que havia (Gaudeamus) e que estava cheia de imprecisões.

**3. A Páscoa de Maria**

Evidentemente que ignoramos quando e como ocorreu o fim terreno de Maria. O Dogma diz apenas e só que “completado o (per)curso da sua vida terrena, Maria foi elevada em corpo e alma ao Céu” (Pio XII).

Com isso, não se quer dizer que Maria foi poupada à realidade humana da morte (privilégio que nem o Filho de Deus teve, quanto mais ela, criatura humana!). Nem se quer dizer que “subiu” como um corpo etéreo pelos ares. «Subir», significa, neste caso, «ser elevada», ser «promovida», ser «reconhecida», ser «exaltada»… ser «glorificada». E dizer «em corpo e alma», quer dizer, simplesmente, que foi ressuscitada, participante da Páscoa de Jesus, na totalidade do seu ser. «Subir em corpo e alma ao céu», quer simplesmente acentuar que Maria, escolhida imaculada para ser a Mãe de Deus, unida ao seu Filho Jesus, em toda a sua vida, foi também associada à glória da Sua Ressurreição, ao completar os seus dias da vida terrena.

A “Assunção” não é, afinal, mais do que a celebração da “Páscoa” de Maria. Ela ressuscitou como primeira entre “os que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda” (I Cor 15,23). E a sua Páscoa serve-nos, a todos, de sinal, de promessa e de garantia de que todos, como ela, em Cristo, seremos restituídos à vida (I Cor 15,22).

**4. Um sinal mais, para manter o sonho de acordar para a Vida**

Este privilégio concedido a Maria aparece assim como «um grande sinal» (Ap 12,1), um **sinal de esperança e de alegria** para todo o Povo de Deus, que peregrina ainda pela terra, em luta com o pecado e a morte, no meio de perigos e dificuldades, qual Mulher que está para ser mãe e é atacada pelo Dragão “que lhe quer devorar o Filho” (Ap 12,4).

Com efeito, a **Mãe de Jesus**, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja, que há de consumar-se no futuro (LG 68). “Ela é a aurora e a imagem da Igreja triunfante” (Prefácio da Missa), porquanto o seu triunfo, enquanto Mãe e filha da Igreja, será o triunfo da Igreja toda, quando juntamente com a humanidade atingir a glória plena. Maria goza já dessa glória, sendo Ela a primeira criatura humana a alcançar a plenitude da salvação. Nesse sentido ela um “sinal de consolação e de esperança para o Povo peregrino” (Prefácio da Missa).

**5. Uma vitória certa**

Quer dizer, Maria está e vai à nossa frente. Acompanha os nossos passos, mostrando-nos o fim glorioso na linha do nosso horizonte de esperança. Nela vemos já realizado o que todos somos chamados a ser, desde já, e a ser eternamente.

“Aquela que gerou e deu à luz o autor da Vida” (Ibidem), ajudar-nos-á a vencer o adormecimento do tempo presente e a acordar para a Vida, que sempre irrompe vitoriosa sobre todos os sinais da morte. Essa é uma vitória que podemos, desde já celebrar e cantar, com as suas magníficas palavras: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvado (…) O Todo-poderoso fez em mim, maravilhas; derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes; santo é o seu Nome!» (Lc 1,46-47.49).

1. *Documento Ecuménico do Group de Dombes, Maria no projeto de Deus e na comunhão dos santos, n.163., Gráfica de Coimbra 1997, pág.96.* [↑](#footnote-ref-1)
2. João Paulo II, *Inc.Myst*.14. [↑](#footnote-ref-2)